



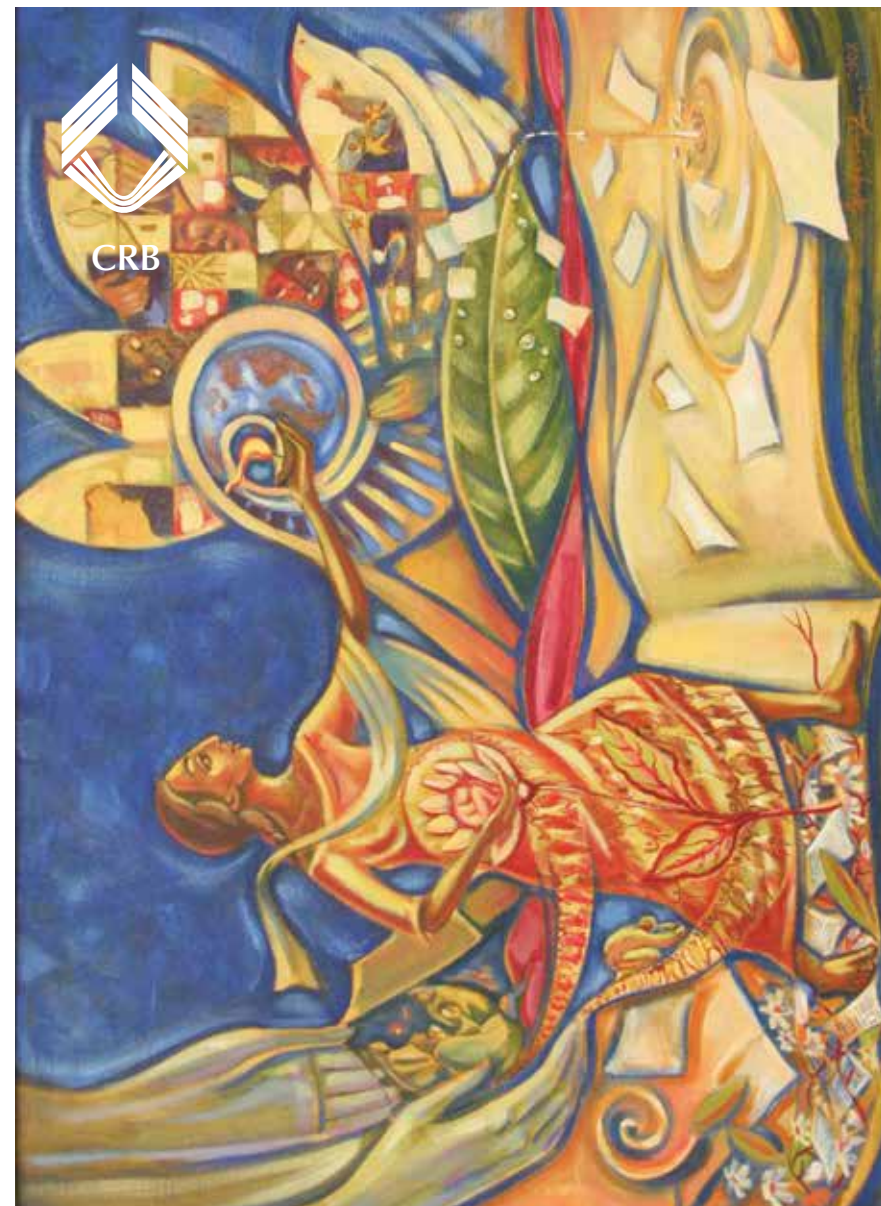
## Quadro Programático da CRB 2007-2010

### HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

### PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.



- Espiritualidade dos presbíteros afro-brasileiros
- O amadurecimento humano em Jesus Cristo, o amadurecimento pessoal e os obstáculos ao amor e à fé
- Irmã Ana Roy: semente germinando no coração da Vida Religiosa Consagrada

## Sumário

### Editorial

Fé, mistério e missão: peregrinando nas pegadas de Jesus ..... 281

### Informes

Vida Religiosa na Amazônia: discípula missionária de Jesus..... 283

Um perfil do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo ..... 287

Mutirão de comunicação – *Carta de Porto Alegre* ..... 295

Rumo ao XVI Congresso Eucarístico Nacional..... 300

### Palavra do Papa

Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais:  
“O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos *media* ao serviço da Palavra”..... 304

### Artigos

Espiritualidade dos presbíteros afro-brasileiros  
ARI ANTÔNIO DOS REIS..... 309

O amadurecimento humano em Jesus Cristo, o amadurecimento pessoal  
e os obstáculos ao amor e à fé  
JOSÉ DEL-FRARO FILHO ..... 324

Irmã Ana Roy: semente germinando no coração da Vida Religiosa Consagrada  
MARIA ZENÍ DO NASCIMENTO..... 339



### CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB  
ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

### REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz  
MTb 8105

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitorio, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

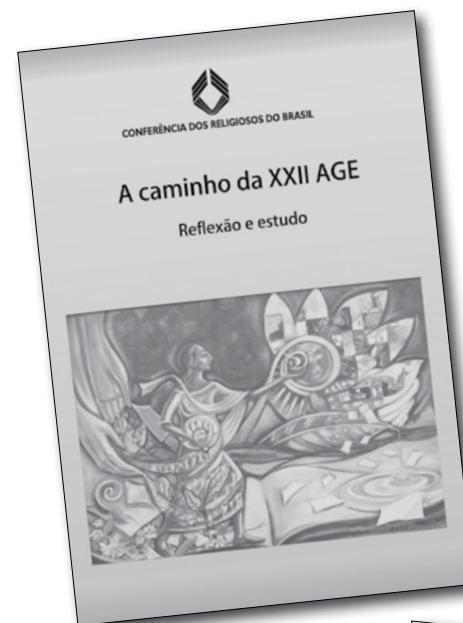
Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

## Publicações da CRB



**Faça seu pedido:**  
**SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II**  
**70393-900 – Brasília – DF**  
**E-mail: [crb@nacional.org.br](mailto:crb@nacional.org.br)**

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Assinatura anual para 2010:** Brasil: R\$ 84,00  
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)  
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

## Fé, mistério e missão: peregrinando nas pegadas de Jesus

281

EDITORIAL

*“Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo.  
Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher,  
pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus”.*

(Gl 3,27-28)

Nesses versículos da Carta aos Gálatas, vemos estampada a condição do ser humano que é envolvido pela graça divina destinada a todas as pessoas. A frase de Paulo é clara: para Deus não há distinção de raças, condição e gênero. Cada um vive a sua peculiaridade, mas numa dinâmica circular, nunca piramidal.

Em sua mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Bento XVI, apresentando um novo enfoque do ministério dos presbíteros neste Ano Sacerdotal, fala da necessidade do diálogo, do respeito às culturas, do zelo pelo anúncio do Evangelho e da necessidade de abertura para acolher uma “história nova” tecida em diversos matizes num mundo pluricultural.

E esse mundo pluricultural está pontuado por uma infinidade de expressões de fé, ligadas ao Deus da vida, àquele que pela sua vida, morte e ressurreição nos garante a vida eterna. No mês em que fazemos memória histórica da luta pela libertação dos escravos negros no Brasil, destacamos em nossas páginas reflexões sobre um grupo específico da cultura afro, cuja atuação tem reflexos interculturais de preciosa relevância. Ao escrever sobre a “Espiritualidade dos presbíteros afro-brasileiros”, Padre Ari Antônio dos Reis chama a atenção para a “consciência da riqueza da cultura e da religiosidade” capaz de redimensionar uma concepção de dor instalada ao longo de séculos de opressão e martírio. “O Reino de Deus é o horizonte” a conquistar, e “os sinais deste Reino devem ser apontados e testemunhados, porém eles não surgem magicamente. São frutos da luta, do apostolado, da missão”.

A fidelidade e perseverança nessa conquista do Reino são características de quem se empenha num processo de ma-

turação a exemplo de Jesus Cristo, que “é o paradigma da integração total, facilitador universal do cuidado e do amor”. Isso é o que afirma o Dr. José Del-Fraro Filho no artigo “O amadurecimento humano em Jesus Cristo: o amadurecimento pessoal e os obstáculos ao amor e à fé”. No entanto, o autor enfatiza: “[...] as relações humanas pautadas na fé em Deus e na prática de Jesus, só podem acontecer se primeiro fizemos experiências de Deus no início de nossas vidas, por meio do amor humano”.

Amor humano! Tantas vezes reprimido, rechaçado, sufocado em nome de um amor exclusivo, falso. Ainda bem que existiram e existem entre nós pessoas capazes de ultrapassar as barreiras do “proibido”, trazendo-nos uma reflexão bem concreta do amor humano vivenciado por Deus. Uma dessas pessoas foi Irmã Ana Roy, as, que a Irmã Maria Zení do Nascimento, icm, nos apresenta no artigo “Irmã Ana Roy: semente germinando no coração da Vida Religiosa Consagrada”. É na verdade um testemunho detalhado sobre a mulher que marcou substancialmente a Vida Religiosa Consagrada do Brasil a partir das Comunidades Eclesiais de Base. O texto nos é oferecido no momento em que a CRB Nacional acaba de publicar uma coletânea de textos inéditos de Irmã Ana, que tem como título uma expressão que rejeita qualquer resistência ao amor proximidade: *Beijo de Deus – Provocação à vida religiosa*. Na interpretação de Irmã Zení, Irmã Ana “foi capaz de contemplar elementos simbólicos do próprio corpo para costurar a história na dimensão do mistério”, sustentando “que não é possível falar em espiritualidade desligada da corporeidade”.

Entre os Informes desta edição destacamos “Um perfil do Padre Marcello de Carvalho Azevedo”, apresentado por Padre Manuel Eduardo Iglesias, sj. É um tributo da CRB Nacional à memória do religioso singular que imprimiu sua marca de doação na caminhada da Vida Religiosa Consagrada do Brasil.

O conjunto dos textos que levamos a nossos leitores e leitoras quer ser, mais uma vez, provocador de atitudes ousadas que ressignifiquem nossas práticas, às vezes tão estigmatizadas por formalidades e engessamentos.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

## Vida Religiosa na Amazônia: discípula missionária de Jesus

*Não é possível parar num lugar e amarrar-se em algo conquistado.*

*É necessário ir sempre além.*

Giorgio Paleari

Com essas palavras sábias queremos partilhar um pouco do caminho percorrido pelas comunidades intercongregacionais enviadas pela CRB Nacional às comunidades ribeirinhas dos municípios de Manicoré e Auxiliadora, ambas localizadas às margens do rio Madeira, ao sul do Amazonas, na Diocese de Humaitá, Amazonas.

A CRB Nacional, consciente de que o processo de re-fundação passa por uma volta aos *fundamentos da Vida Consagrada*, dentre os quais a *missionariedade*, em sua assembleia jubilar decidiu “resgatar de forma criativa [...] a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes” (ref. CRB – Prioridade 6, triênio 2004-2007).

Em parceria com a Comissão Episcopal para a Amazônia e em atitude de escuta, a CRB acolheu o apelo vindo da Amazônia na voz de seus pastores e do clamor de quem ali vive, nascendo, assim, o *Plano de Evangelização Solidária na Amazônia – PESA*. Em seu serviço de animação, a CRB Nacional conclamou a Vida Religiosa do Brasil a “entrar na Tenda e itinerar rumo à Amazônia”.

Com a resposta generosa das Congregações e Institutos religiosos, o Plano de Evangelização Solidária começa a ganhar rosto através de vários projetos, entre os quais:

- formação de lideranças locais – AJURI (palavra indígena que significa *mutirão*, ou seja, mutirão pela formação);
- escola de capacitação de animadores vocacionais;
- mapeamento da Vida Religiosa da região Norte;

- organização e envio de comunidades intercongregacionais missionárias.

No triênio 2007-2010, assumiu-se o compromisso de dinamizar as prioridades 1 e 4 (reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania; ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão; e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas) da CRB Nacional, numa atitude de escuta da Vida Religiosa missionária na Amazônia, acompanhando e apoiando as iniciativas intercongregacionais através de visitas, avaliações da experiência, realização de encontros entre provinciais, Igreja local, comunidades envolvidas e a CRB Nacional.

Desde o início do projeto, as comunidades tinham o conhecimento de que perduraria por três anos, com possibilidade de avaliação e ampliação do tempo, dependendo da necessidade. Com esse objetivo, priorizaram-se as visitas às comunidades com momentos fortes de partilha de sonhos, desafios e perspectivas.

Em setembro de 2009, no encontro avaliativo com a presença de superiores provinciais, de conselheiras das Congregações envolvidas, do bispo da Diocese de Humaitá e da presidente da CRB Nacional, encaminhou-se o processo de encerramento dessa etapa do projeto. Proposto para três anos, já tendo alcançado quatro, foi avaliado positivamente. Na oportunidade, definiu-se que, em dezembro de 2009, em uma celebração de ação de graças, far-se-ia o reenvio das Irmãs para suas devidas Congregações: Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Fátima, Irmãs de São José de Chambéry, Irmãs Carmelitas de Vedruna, Irmãs de Santa Doroteia, Irmãs Franciscanas Filhas da Divina Providência.

Em Manicoré, no dia 14 de dezembro, com a presença do bispo diocesano, de Irmã Antonia Mendes Gomes, representante da CRB Nacional, de Irmã Isabel T. C. Villabanca, assessora da Regional de Porto Velho, e significativa parti-

cipação de lideranças das diversas comunidades ribeirinhas, reenviamos Irmã Idalina Barion, das Irmãs Carmelitas de Vedruna; Irmã Divina Vieira, das Irmãs de Santa Doroteia; e Irmã Maria Satico Kanashiro, das Irmãs Franciscanas Filhas da Divina Providência. No dia 20 de dezembro, foi a vez da comunidade de Auxiliadora do Uruapiara, com igual participação. Foram reenviadas: Irmã Gema Panazzolo, das Irmãs de São José de Chambéry; e Irmã Claudete Funes, das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Fátima.

Muitos com certeza deverão estar se perguntando como ficaram as comunidades que eram acompanhadas pelas Irmãs. Como fica a solidariedade da CRB Nacional para com a Amazônia? No cuidado atencioso do pastor daquela diocese no pastoreio do seu povo, de modo muito especial as comunidades ribeirinhas.

Em diálogo entre a diocese, a CRB Nacional e as Congregações, garantiu-se a atuação de uma comunidade religiosa masculina para Auxiliadora e, para Manicoré, as Irmãs de Santa Doroteia, que já eram parceiras do projeto, assumiram a continuidade da presença.

A CRB Nacional, na sua missão de articuladora e animadora da Vida Religiosa nos diversos processos, continuará sendo interlocutora da Amazônia junto às Congregações, e em escuta constante ao Espírito discernirá sobre novas formas de presença solidária na Amazônia, sempre em parceria e comunhão com as Congregações e a Igreja local.

Reconhecendo o protagonismo da VRC e seu potencial evangelizador na Amazônia, a CRB Nacional deseja continuar sua presença de um novo jeito, a partir de quem já está na Amazônia. Manifestamos também nossa profunda gratidão:

- ao povo da Amazônia, que, na gratuidade e simplicidade, acolheu as Irmãs missionárias como hóspedes ao longo desses quatro anos;
- à Igreja particular de Humaitá, que possibilitou a presença da Vida Religiosa em sua ação evangelizadora, sonhos e desafios;

- às Congregações que contribuíram de diversas formas para a realização desse projeto, pela partilha dos carismas, espiritualidade e tradições congregacionais;
- às Irmãs enviadas, pelo testemunho e ardor missionário, profundo amor pelo povo, pela espiritualidade testemunhada, pela capacidade de enfrentar o risco, pela dedicação incondicional e pela experiência de dons colocados em comum;
- à Regional de Porto Velho e ao Núcleo de Humaitá, pelo constante carinho e apoio;
- aos parceiros dessa missão, pelo auxílio na manutenção das comunidades, de modo particular: *Adveniat* e *Porticus*;
- a Deus, por infundir seu Espírito nesse projeto, presença solidária da CRB na escuta e sensibilidade em perceber e acolher o grito e o clamor de diversas realidades, pela atenção e impulso missionário.

Continuaremos nosso compromisso missionário na certeza de que “há marcas e rostos de Deus na sensibilidade e na presença amorosa e silenciosa da Vida Religiosa missionária na solidariedade com a Igreja da Amazônia, especialmente com os mais pobres”.

IRMÃ ANTONIA MENDES GOMES  
Assessora Executiva Nacional  
Plano de Evangelização Solidária na Amazônia

## Um perfil do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo

MANUEL EDUARDO IGLESIAS, SJ\*

Escrever o perfil de uma pessoa como Padre Marcello entra o risco de esgotar o espaço recopilando datas, cargos e obras. Pode, ao final, não sobrar espaço para o que é mais importante: a alma da pessoa!

Padre Marcello nasceu (18.4.1927) e morreu (24.2.2010) em Belo Horizonte. A marca que os pais deixaram na vida dele sempre era lembrada com carinho e explica muita coisa do seu modo de ser. Eles foram um exemplo de honestidade, competência e responsabilidade.

Ingressou na Companhia de Jesus com 17 anos. Em Nova Friburgo passou seus primeiros anos de jesuíta e depois dos estudos de filosofia iniciou sua saída para o exterior. Ainda estudante, fez mestrado em Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma, enquanto ajudava nos estudos os seminaristas residentes no Colégio Pio Brasileiro. Daí seguiu para os estudos de teologia em Frankfurt, Alemanha, onde foi ordenado sacerdote em 31.7.1957. Voltou para Roma como orientador de estudos no Pio Brasileiro. Foi nomeado provincial da Vice-Província Goiano-Mineira com 36 anos, de 1963 a 1971. De 1968 a 1977, foi presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil, onde enfrentou sérios problemas administrativos e deixou um testemunho de entrega à Vida Religiosa no Brasil e no exterior, sendo duas vezes reeleito. Cumprida a sua missão em cargos de responsabilidade, já com 50 anos de idade, conseguiu, impulsionado pelo seu espírito missionário, fazer mestrado em Antropologia Cultural pela New School for Social Research em Nova York. Fez depois doutorado em Missiologia na Universidade Gre-

\* **Padre Manuel Eduardo Iglesias** é jesuíta espanhol, autor de artigos e livros, orientador espiritual e de exercícios espirituais. Atualmente, reside no Centro Cultural de Brasília.  
**Endereço do autor:** SGAN 601, módulo “B” Asa Norte, CEP 70830-010, Brasília-DF. Tel.: (61) 3426-0400. E-mail: iglesias@ccbnet.org.br.

goriana. Ministrou cursos em universidades dos Estados Unidos, Alemanha, Paris, Roma e na PUC-Rio. Foi diretor do CIAS-IBRADES de 1992 a 2000, realizando nesse tempo a mudança do organismo do Rio para Brasília. Em 2001, pôde realizar seu sonho de se dedicar integralmente ao ministério sacerdotal no Centro Inaciano de Espiritualidade de Brasília. Numa conversa, em 2003, partilhou com um grupo amigo que ele carregava a doença de Alzheimer havia já sete anos, lutando todo aquele tempo para levar uma vida o mais normal possível. Infelizmente, a partir de 2004 o mal foi acelerando e ele passou a residir na Casa de Saúde Irmão Luciano Brandão, em Belo Horizonte, onde descansou em paz dia 24 de fevereiro, às sete e meia.

Até aqui, umas anotações sintéticas sobre a sua trajetória. Padre Marcello foi um homem vibrante, preparado e irradiando vida. Poliglota, falava sete línguas, teve vários livros traduzidos a outros idiomas. Possuía o dom da palavra fácil e precisa e uma invejável capacidade de síntese; era superorganizado e perfeccionista; de olhar vivo e trato agradável, fazia-se querer pelas pessoas que se aproximavam dele. Intelectual brilhante, era extremamente simples e cordial. Homem de oração, trabalho incansável e estudo. Era pessoa positiva e dotada de grande sensibilidade e respeito pelas pessoas. Foi meu primeiro superior provincial quando cheguei ao Brasil. Destinou-me a estudar nos Estados Unidos e deu-me a primeira destinação justamente para Brasília, para onde me trouxe de carona no seu fusca, em novembro de 1969. Muita anedota poderia contar, mas não é este o momento. Foi duro para mim vê-lo declinar pouco a pouco e, ao mesmo tempo, foi uma inestimável graça ser testemunha de um profundo esvaziamento de uma pessoa tão brilhante que se foi tornando pobre e se entregando nas mãos do Senhor com paz e simplicidade. Sempre foi muito discreto para falar de si mesmo e da sua vida interior. No último ano de convivência com ele, pude descobrir a sua profunda união com Deus e seu amor à Igreja. Comentei com ele que poucas pessoas puderam ter acesso à fonte da sua força vital. Falei que muita gente falaria e escreveria até teses sobre a sua obra

e escritos, mas tais obras dificilmente deixariam desvendar seu mundo interior. Consegui convencê-lo e ele aceitou gravar quatro fitas de conversas entre nós. Ao escutar agora essas fitas, fico admirado de como ainda se expressava com a sua proverbial capacidade de dicção e de síntese. Só em alguns momentos perdia o fio da ideia que ia desenvolvendo, e que eu o ajudava a retomar. O tom apagado da sua voz faz aumentar a empatia com alguém que, em outros tempos, era capaz de cativar os mais variados auditórios. As gravações terminam com esta pergunta que lhe fiz: “A minha pergunta seria isso: nesta fase da tua vida, em que enfrentas um certo declínio com os anos e a doença, o que é que dá sentido à tua vida?”. “Então, o que dá sentido é a minha missão. Porque ainda hoje, aos 78 anos, a gente ainda pode continuar fazendo aquilo que sempre fez, mas com enfoques, não digo novos, mas com enfoques que primam na nossa vida como elementos de colaboração para o crescimento de todos.”

### *Entrevistas com o Padre Marcello*

*Padre Marcello participou duas vezes dos encontros de um grupo informal que refletiu sobre o tema “Por que temos essa necessidade de ser amados?”. Após outras pessoas falarem, ele começou a sua partilha mostrando o quanto estava consciente do processo da sua doença. Isto foi gravado em 19 de setembro de 2003.*

Ao contrário de vocês, eu estou aqui como pobre, uma pessoa que tem consciência de *limites* colossais. Convivo com esses limites desde sete anos atrás, inclusive levei a vida sem que ninguém percebesse que eu tinha esses limites, ou muita pouca gente percebesse. Em grande parte, se eu olhasse a vida retrospectivamente, eu tinha que sublinhar não o que vocês sublinharam das redes, da aglomeração pelos grupos etc.; não era isso, era, pelo contrário, a experiência de uma presença individual muito grande, muito grande, bem alicerçada pelas tarefas que me davam, e bem alicerçada, também, por aquilo que uma certa simpatia externa de grande âmagô, e o crédito de “alguém que saca”; “você pode sacar tal coisa”, e a faz sem a preocupação de fazer, mas sabendo

que eu o estava fazendo; por exemplo, toda a parte de sentido, de *network*, todas essas coisas é algo que eu assimilei porque, além de teologia e de um doutorado e mestrado em teologia, eu fiz um curso de antropologia cultural como ciência social em uma universidade muito boa, judaica, em Nova York; era só para judeus e eu entrei porque passei em alguns exames e a universidade me deixou entrar porque estava interessada na contribuição que eu podia dar.

*Foi com surpresa que ouvimos Padre Marcello afirmar que “não sabia conversar”. Ele que tinha uma tão vasta cultura, experiências de vida e conhecimento de línguas e diferentes países. Acho que aponta aqui um traço da sua personalidade exigente consigo mesmo.*

No conjunto vocês sabem, quem me conhece um pouco mais sabe, que *eu não sei conversar*. Anteontem estive numa festa de quinhentas pessoas, com convite particular, uma coisa superdiscreta e ao mesmo tempo muito aconchegante, só via o pessoal conversar e falar; duas coisas que eu notei logo de cara. Eu entrei lá sem ter interlocutor, não tinha ninguém me esperando e ninguém sabia quem eu era. Então eu entrei livre e pensei: “aqui você tem que conversar e ir desdobrando aos poucos para você poder chegar e conversar”, mas eu não sou bom de conversa, então eu entretenho o indivíduo, mas não converso com ele. E foi o que aconteceu. Como eu sou primo do anfitrião, me puseram com grande honra, e o foi, ao lado da mãe da esposa, uma senhora de noventa e um anos, e eu fui entretendo-a para que ela falasse da vida dela e a mulher ficou encantada por ter um interlocutor que não falava. Eu falei das coisas mais banais. Eu não tenho nenhum trunfo, nenhuma de coisas assim daquilo que vocês falaram, não tenho nada parecido. É verdade, sim, uma coisa bem singela.

*Sei por experiência que Padre Marcello é uma pessoa que sabe “escutar” e que vibra com o que as pessoas lhe revelam. Ouvimos a seguir como foi marcante a influência dos pais no caráter dele.*

Agora, que é que acontece? Duas coisas que me parecem importantes para ficar no amor, que é o centro, está sendo o centro aqui, o referencial. Bom, *eu fui muito amado*. Meus pais eram duas pessoas extraordinárias, de uma honestidade...; vou contar um caso. Em Belo Horizonte, eu sou de lá, eu ia

para a aula, para a escola, e meu pai ia uma parte do tempo do bonde comigo e depois eu ia adiante e meu pai continuava no bonde. E o Brasil, naquele tempo, não exportava nem tampa de latrina. Tudo era feito lá fora e posto aqui, essas coisas de tampa de privada e coisas assim ultrabanais. Mas importava muitos carrinhos e coisas que uma criança gosta. Então, um dia, eu falei para o meu pai: “pai, quando eu passar pelo parque”, que era o lugar por onde passavam os bondes, “eu vou te mostrar uma coisa que eu quero”. E quando passamos, estava lá o carrinho e aí eu disse assim: “eu queria aquele carrinho!”. Ele olhou para mim assim, nos olhos, com uma bondade infinita e disse: “Meu filho, aquele carrinho é para o filho do Gilberto Faria, mas você é meu filho! Aquele carrinho não é para você”. Isso ficou na minha vida como, assim, um padrão extraordinário. E esse meu pai foi dezoito anos seguidos diretor tesoureiro da Associação Comercial de Minas, que é uma grande instituição, pela única razão que ele não roubava. Todo o mundo sabia que ele não roubava. Então, ele era reeleito todo ano. Eu tive muitos impactos. Por exemplo, sendo Milton Campos governador de Minas, meu pai era superintendente da distribuição da alimentação produzida pelo estado de Minas. Eram milhões e milhões de toneladas. Aí, outros conselheiros roubavam e meu pai não se sentia bem roubando; então insistiu, tentou e chegou um momento que pensou: “Isto não tem futuro”. Então foi ao Milton Campos, um grande governador, e disse: “Olha, você dá para alguém que está procurando esse cargo. A ver se eu acho outro cargo em que possa me achar”. Por que eu conto isso? Porque o que me fez amar os meus pais foi uma *transparência*, uma *educação da liberdade*, uma educação para realmente *conhecer os seus limites*. E isso é uma coisa que você não agradece suficientemente, porque o mundo vive lá uma trama, e eu também sou parte da trama, mas eu não posso ser, não devo ser de outro modo, porque não foi assim que os meus pais me amaram; eles me amaram na verdade.

*Vendo a honestidade e exigências dos seus pais, a gente explica por que o Padre Marcello sempre colocou na sua vida cotas altas de comportamento. Isso explica a sua tendência perfeccionista, que o deve ter feito sofrer um bocado.*



E uma coisa muito interessante para contar, uma terceira historieta. *Minha mãe* foi professora muito cedo; teve uma rua com seu nome em Belo Horizonte e tem outra rua com o nome de meu pai, em Belo Horizonte também. Ela foi professora muito jovem, e um diretor da escola normal de BH, onde ela era professora, foi ministro da Educação do Brasil e, sob ele, se fizeram as grandes reformas da educação no Brasil, em 1930. Pois esse homem não ia com o método pedagógico da minha mãe, a quem ele considerava uma excelente professora. Então, ele chamou a minha mãe e disse: “Dona Adelina, a senhora é uma excelente professora, mas a senhora vai ter que fazer uma opção, ou a senhora entra dentro do nosso esquema ou então não há lugar para a senhora aqui”. Então ela, que tinha uns 21 ou 22 anos, disse: “Senhor diretor, o senhor tem o meu cargo em suas mãos, faça dele o que o senhor quiser, eu estou começando a minha carreira”.

*Padre Marcello cativava as pessoas, não só pela sua inteligência e capacidades, mas especialmente pela sua simplicidade, seu sorriso e sua riqueza interior. Escutei isso de muitas pessoas. Dar a conhecer esse interior foi o que me motivou a escrever este relato, pois essa realidade ficou para mim bem patente no declinar das suas forças.*

Que é que eu quero dizer com isso? Quero dizer que as formas de amor que eu tive não foram assim de paparicar. Foi uma educação relativamente *austera*, mas, assim, profundamente *vivida*. Isso eu transportava para fora; transportava para o grupo de escoteiros; transportava para o clube onde eu nadava e vinha sendo até hoje, até sete anos atrás, o perfil. Esse perfil me ensinou a *aceitar o amor* que meus pais me deram e depois o de minha família, meus amigos; mas me ensinou a dar também o amor. Uma coisa de que eu nunca tive medo na minha vida foi de *dar amor*; meus funcionários, por exemplo, me adoravam; fiquei nove anos na direção de uma empresa com 325 funcionários, mas me adoravam, sem que eu fizesse nada para que eles me adorassem.

*Um amigo médico me contou mais de uma vez a surpresa que teve ao saber que aquele senhor idoso que falava ao final dos debates no Centro Cultural de Brasília com tanta sabedoria e simplicidade era um sacerdote.*

E assim muitas outras coisas que eu fiz como quem dá o amor e como quem recebe o amor. Ontem recebi uma visita de uma pessoa que eu não via havia quarenta anos. Ele disse: “Olha, antes que você saia daqui de Brasília eu vim te dizer isso”. E ele contou observações que tinha apreciado em mim quarenta anos atrás. Então eu conto essas coisas esquisitas, sabe; é o que eu teria para falar para vocês; não tenho nada, nenhum triunfo, nada. *Eu me sinto colossalmente amado*. Eu dei amor a muita gente com que tratei, desde os estudantes jesuítas até minhas secretárias, meus funcionários, e me dei por muito satisfeito. Agora, eu luto por tudo isso que vocês falaram: dar sentido às coisas para constituir essa interação entre as pessoas, o sentido do valor pessoal, tudo isso. Mas nada que possa ser uma coisa extraordinária. Talvez vocês me perguntando seja melhor.

*Tive o privilégio de descortinar o crescimento espiritual desse homem nos seus últimos anos em Brasília e nas visitas que lhe fiz em Belo Horizonte. Fico emocionado ao ver como foi se entregando dia a dia nas mãos de Deus, com crescente aceitação da sua doença.*

Eu fico sempre muito humilhado quando não tenho o que falar porque, realmente, eu não sei falar. Não, eu não estou fazendo isso por humildade, não, estou falando o real. Senão eu não estaria falando. Mas, sabe, eu sinto uma certa vergonha de partilhar isso com vocês porque vocês têm coisas feitas. A minha trajetória, talvez até eu tenha me enganando, a minha trajetória não me preocupou, quer dizer, não me isolou.

*A essa altura da partilha, vários participantes comentaram como foi importante ter sido educado na verdade e educado para dar. Alguém lhe perguntou como ele descreve esse processo de ser educado para dar.*

Olha, eu acho que foi a força tanto do meu pai como da minha mãe. Nunca em casa se falou de uma coisa que não pudesse ser falada fora. Fofoca em casa não existia. Agora, descia uma transparência. A gente falava, contava, e quando eu fui para a Companhia de Jesus encontrei um campo, um *habitat* para esse tipo de flor. Uma das coisas que eu senti na Companhia, e foi uma das primeiras coisas que eu falei ao meu mestre de noviços: “aqui as coisas se fazem e, de fato,

ninguém ressoa”. Eu ressoo demais. Se fizer uma conferência aqui e agora para trezentas pessoas, eu ressoarei para elas intensamente. Muito provavelmente eu não ia receber uma única palavra de comentário a alguma coisa que eu fiz. Então há uma carência velada, porque eu acho que todo mundo busca o amor, mas em meu caso não havia problema porque eu tinha a educação na verdade, então eu não tinha que inventar. Cada coisa da personalidade do meu pai e da minha mãe fazia que, mesmo não sendo ricos, eles tivessem um ascendente muito grande, tanto que tinham ruas etc. Isso era uma coisa normal para nós. Então, qual foi a minha escola? A escola foi construir a vida na verdade, sem preocupação de que ela apareça como ela é.

*Novos comentários do grupo que tocam o ponto do querer aparecer.*

Eu não quero aparecer. Todo mundo acha que eu quero e que estou vendendo o peixe. Todo mundo, não, algumas pessoas.

*Comentamos como foi importante ter um pai que o escutava com carinho e sinceridade. Ele diz que não só o pai, mas também a mãe.*

Eu podia contar muitas coisas da minha mãe. Quando minha mãe morreu, um aluno escreveu uma crônica sobre ela. Mamãe tinha muitos alunos, desde filho de governador e gente que não era de dinheiro. Quem não fazia o dever ficava depois lá em casa, de noite, até que fazia o dever, e então ia para casa. O filho do governador, que naquele tempo chamava presidente, não fez o dever e ficou preso. Aí o chefe de gabinete mandou pedir a minha mãe que desse a chance de o menino poder ir para uma recepção no palácio. Ela disse: “O senhor pode levar o menino, mas não precisa trazê-lo amanhã”. Eu só fiquei sabendo disso através da crônica do aluno dela. É a educação na verdade; não é o fato de ser filho do governador o que interessa, é o fato de que todos somos iguais. Se eu não faço exceção, por que vou fazer para o filho do governador? *Isso não esqueço nunca mais na vida.*

*Últimos comentários do grupo e Padre Marcello encerra a nossa reunião com esta frase lapidar:*

Dar testemunho da verdade é um grande ato de amor que você faz.

### *Carta de Porto Alegre\**

O Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe aconteceu de 3 a 7 de fevereiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, com a participação de cerca de 15 mil pessoas de dezoito países: profissionais, estudantes, jornalistas, representantes de movimentos sociais, lideranças comunitárias, pastorais, interessados no tema, que durante cinco dias debateram e buscaram alternativas para a construção de uma comunicação comprometida com a paz, a justiça e a solidariedade.

Durante todo o domingo de encerramento foram mantidas a visitação às tendas e às exposições de fotografias de Arte Sacra e a de Arte Sacra Contemporânea, com obras premiadas. Na parte da tarde, aconteceram, ainda, no teatro do prédio 40, as apresentações artístico-populares. Também foi realizada a Marcha Juvenil pela Solidariedade e contra o Extermínio de Jovens nas Américas e a exibição de filmes e documentários com temática relacionada à proposta do Mutirão (auditório do prédio 9).

Às 18h aconteceu a celebração e a leitura da *Carta de Porto Alegre*, cuja produção foi feita durante o evento, a partir dos debates e contribuições dos participantes. A ideia do documento, segundo o coordenador de comunicação, Attilio Hartmann, é definir que tipo de comunicação queremos, e apontar caminhos para atingir este objetivo. “Nossa proposta é que esta *Carta* sirva como uma espécie de mapa para os comunicadores, profissionais, estudantes, professores, que provoque a reflexão e trabalhe com a possibilidade de uma outra comunicação possível”, destaca ele. Em sua

\* Fonte: <[www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br)>.

linha mestra, a *Carta* dialoga com a proposta do Mutirão, de uma comunicação voltada para a cultura solidária. No fim do evento, foi lançado o próximo Mutirão Brasileiro de Comunicação, que acontecerá em 2011, no Rio de Janeiro.

A *Carta de Porto Alegre* foi distribuída na PUCRS. Após a leitura da *Carta*, o evento foi encerrado às 20h, com um show do grupo pop Papas da Língua, no Salão de Atos da universidade. Leia na íntegra o documento:

### *Carta de Porto Alegre*

Somos comunicadores e comunicadoras solidários com nossos povos e integrados plenamente no seu caminhar. Partilhamos os sofrimentos, as crises, as alegrias e as esperanças de nossas irmãs e irmãos. Por esse motivo, e ainda em meio à atual crise civilizatória, que se expressa, entre outros fatores, na mundialização das economias e na livre circulação de mercadorias e capitais especulativos, nos atrevemos a refletir e sonhar, alimentando a utopia e a esperança.

Somos comunicadores e comunicadoras, pesquisadores, professores, jornalistas e estudantes da América Latina e do Caribe, reunidos em Porto Alegre (Brasil) de 3 a 7 de fevereiro de 2010, no Mutirão de Comunicação, no qual fomos convidados para analisar os “Processos de comunicação e cultura solidária”.

O Mutirão propiciou o intercâmbio de experiências, de saberes e de comunhão em Jesus Cristo entre comunicadores e comunicadoras com diferentes trajetórias pessoais, profissionais, políticas, religiosas, culturais, unidos no compromisso e na responsabilidade comum com os povos da região que lutam pela dignidade, pela justiça e na defesa de uma democracia que seja capaz de garantir a vigência de seus direitos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Esta carta traduz nossos sonhos de futuro apoiados no compromisso político de concretizar uma utopia construída sobre a rica bagagem cultural e religiosa acumulada ao longo dos anos, que representa uma enorme riqueza de nossos povos e nossas culturas, especialmente indígenas, negros e

migrantes, constituindo uma herança tantas vezes desprezada. Este rico legado, somado à vitalidade dos movimentos sociais, habilita o surgimento de atores que têm “direito a ter direito” e são os forjadores de nossa diversidade cultural.

Com Dom Helder Câmara dizemos que, “quando sonhamos sozinhos, é apenas um sonho; quando sonhamos juntos é o começo de uma nova realidade” (Mensagem de Natal, 1992).

Por isso fazemos essa convocação para a ação que, sem abandonar um olhar analítico e crítico sobre a realidade política, social, cultural, religiosa e comunicacional, busca a construção de uma nova cidadania comunicativa que contribua à plena vigência dos direitos humanos e das condições de uma vida digna.

Partilhando as incertezas naturais de quem está envolvido no processo histórico e social e sem pretender esgotar as propostas, mas com a firmeza de nossas convicções, saberes, experiências, sensibilidade e paixão, e inspirados e inspiradas pelo Evangelho de Jesus, sonhamos com:

1. Uma cidadania comunicacional que, no marco dos processos políticos e culturais, permita a participação criativa e protagônica das pessoas como forma de eliminar a concentração de poder de qualquer tipo para, assim, construir e consolidar novas democracias. Cidadania que não se pode pensar somente em termos jurídicos, mas também como uma atitude e uma condição associadas à reivindicação de ser reconhecido, de ter arte e parte nas decisões que afetam a vida em suas múltiplas dimensões, porque não há democracia política sem democracia comunicacional.
2. Uma palavra liberada de todo tipo de opressão e discriminação, para que se apropriem dela também os jovens e as jovens, os mais pobres e pequenos, como germe de uma cultura solidária.
3. Políticas públicas de comunicação elaboradas a partir da ideia de que a comunicação é um direito humano e um serviço público e nas quais haja espaço tanto para a ini-

ciativa privada comercial, como para os meios estatais, os meios públicos não governamentais e os comunitários.

4. Uma sociedade civil mobilizada para incidir politicamente na busca de uma comunicação livre, socialmente responsável, justa e participativa.
5. Cidadãos, comunicadores e atores sociais preparados para manter e vigiar práticas comunicativas democráticas, participativas, inclusivas e apoiadas em uma nova perspectiva integral de direito à comunicação.
6. Movimentos sociais, organizações populares, Igrejas e instituições que se apropriem e incorporem, nas suas práticas comunicativas, os cenários e os processos das tecnologias da informação e as novas linguagens, a fim de ampliar seu horizonte comunicacional e contribuir para a eliminação da brecha informativa e digital.
7. Responsáveis da gestão do Estado capazes de levar adiante políticas públicas e estratégias de comunicação destinadas a assegurar o direito à comunicação, através de ações pertinentes e efetivas, que eliminem as diferenças e as desigualdades que hoje existem em matéria de produção, acesso e circulação de todo tipo de bens culturais.
8. Cristãos comprometidos e organizados que, a partir da sua fé, tenham uma presença ativa e transformadora no campo da comunicação, incorporando as novas tecnologias no espírito e nas linhas de ação dessa carta.

Sonhamos, enfim, com comunicadores e comunicadoras:

- cuja prática profissional seja marcada pela vivência de uma cultura solidária, por critérios éticos e por uma vida coerente com esses princípios;
- que se reconheçam, acima de tudo, servidores do direito dos cidadãos a receber e emitir informação e opinião; que não se subordinem aos interesses e às pressões do poder político ou econômico porque estão comprometidos com a cidadania comunicacional;
- que estejam junto aos empobrecidos e incorporem seu olhar;

- que impulsionem o diálogo para enfrentar as contradições, inevitáveis em qualquer sociedade, com o objetivo de alcançar a paz e a justiça;
- que não se preocupem somente em ser plurais, mas igualmente em valorizar as diferenças surgidas no caminho da busca da verdade;
- que suscitem solidariedade a partir dos processos de comunicação;
- que saibam escutar e estar atentos especialmente ao clamor que emerge do murmúrio dos silenciados e, assim, contribuir para a visibilidade dos invisíveis de hoje.

Porto Alegre, 7 de fevereiro de 2010.

## Rumo ao XVI Congresso Eucarístico Nacional\*

Em 2010, Brasília estará em festa. Não só pelos 50 anos de fundação da cidade, como também pelo Jubileu da Arquidiocese de Brasília e pela realização de mais um grande evento eucarístico na capital federal. O XVI Congresso Eucarístico Nacional – CEN será realizado de 13 a 16 de maio e terá como tema *Eucaristia, pão da unidade dos discípulos missionários* e por lema *Fica conosco, Senhor!* (cf. Lc 24,29).

O Congresso Eucarístico Nacional será o ponto central das celebrações dos 50 anos da Arquidiocese de Brasília, que contarão também com uma retrospectiva histórica dos acontecimentos mais importantes da Arquidiocese, como a primeira missa celebrada no marco inicial da construção da cidade em 1957 e o VIII Congresso Eucarístico Nacional, realizado em 1970.

Durante a 46ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em abril de 2008, ao apresentar o tema e o lema do XVI Congresso Eucarístico Nacional, Dom João Braz de Aviz, Arcebispo Metropolitano de Brasília, declarou que,

para a Igreja, a realização do Congresso Eucarístico possibilita uma maior vivência da Eucaristia e é fonte inesgotável para a vida cristã, por isso deve haver um empenho para sua melhor realização.

A programação do Congresso envolverá atividades de reflexão e estudo sobre temas atuais e relevantes para a vivência do sacramento da Eucaristia, celebrações eucarísticas, adoração ao Santíssimo Sacramento e atividades culturais. Para essa autêntica festa, toda a Igreja é convocada, e o evento deverá contar com a presença de cardeais, bispos,

\* Fonte: Texto-base do 16º Congresso Eucarístico Nacional.

sacerdotes, religiosos, diáconos permanentes, membros de Institutos de Vida Consagrada, leigos e representantes de todas as dioceses do País.

O Congresso será antecedido pela realização da 48ª Assembleia Geral da CNBB, cuja missa de abertura, em 3 de maio de 2010, fará memória da primeira missa em Brasília, na Praça do Cruzeiro.

A Arquidiocese de Brasília, responsável pela organização do XVI CEN, vem trabalhando com empenho para providenciar toda a estrutura necessária ao Congresso. Já foram constituídas a Comissão Central e as Comissões Executivas, que trabalham em conjunto com diversos voluntários para a realização desse momento dedicado à celebração do grande dom da Sagrada Eucaristia.

Segundo Dom João Braz,

em nossos trabalhos queremos formar um corpo unido, onde cada parte desse, cada membro, e cada Comissão, sejam um corpo vivo, um corpo que faz um trabalho unido a todos os outros. O Congresso Eucarístico deve ser a expressão de um trabalho de comunhão, que tem sua fonte na Eucaristia.

### *O que é um Congresso Eucarístico*

A Eucaristia é o maior tesouro da Igreja Católica, porquanto é a presença do próprio Jesus Cristo no meio do Povo de Deus. O povo das Escrituras caminhava para a terra prometida levando consigo a arca da aliança, com as Tábuas da Lei, sendo orientado por meio de Moisés e seus colaboradores. O povo do Novo Testamento caminha na história, em vista de novos céus e novas terras, levando consigo Jesus Cristo, alimentado pela Palavra das Escrituras e pela Eucaristia. Um Congresso Eucarístico, portanto, quer reafirmar esta certeza: Ele está no meio de nós! É um convite a todos os que creem nesta verdade: “Vinde e vede!” (Jo 1,39).

Um Congresso Eucarístico quer ser a convergência de todas as pessoas que professam a fé católica na realidade da Santíssima Eucaristia, e que desejam dar um testemunho público de sua fé na presença real do Senhor Jesus, ani-

mando, consolando e convertendo os fiéis. O Congresso Eucarístico é uma demonstração pública de nossa fé pessoal: anunciamos sua morte e proclamamos sua ressurreição! Vinde, Senhor Jesus!

Desse modo, reafirmamos nossa certeza de vida eterna, para além dos horizontes de nossa história! A partir dessa profissão explícita de nossa fé na Eucaristia, o Congresso Eucarístico busca as consequências práticas, o compromisso desse gesto tão sublime de adoração! Adorareis o Senhor em espírito e verdade (cf. Jo 4,24).

Um ato de adoração radical a Jesus na Eucaristia implica compromisso de coerência e autenticidade cristã. Por isso um Congresso Eucarístico tem implicações teológicas e espirituais, pastorais e missionárias, catequéticas e vocacionais, sociais e políticas, culturais e ecológicas, ecumênicas e inter-religiosas. Adoramos Jesus na Eucaristia e queremos anunciá-lo a todos os homens e mulheres do nosso tempo, como o Libertador e Salvador que nos assegura vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Desde o início, os congressos eucarísticos tiveram três características essenciais:

- aprofundar a doutrina cristã sobre a Eucaristia;
- prestar culto público e solene ao Santíssimo Sacramento: adoração e reparação;
- manifestar a universalidade e unidade da Igreja.

Posteriormente, os congressos eucarísticos passaram a se preocupar também com outros aspectos sociopolíticos diversificados e temáticas específicas:

- irradiar para a Igreja e a sociedade os frutos da Eucaristia na ação social;
- seminários temáticos para públicos específicos: crianças, jovens, militares, universitários, operários, políticos e empresários, casais e idosos, doentes e deficientes, prisioneiros e dependentes de drogas, marginalizados e excluídos;
- Eucaristia e missionariedade;
- Eucaristia, evangelização e meios de comunicação social.

Para atingir seus objetivos, os congressos eucarísticos realizam atividades diversificadas:

- reflexões teológico-pastorais;
- solenes celebrações litúrgicas;
- programas populares de educação da fé: missões populares;
- jornadas sociais em favor dos pobres e excluídos.

O primeiro Congresso Eucarístico foi celebrado em 1881 em Lille (França), por iniciativa de um grupo de fiéis leigos, apoiados por S. Juliano Eymart. Foi uma celebração solene, de que participaram fiéis e bispos de vários países da Europa. De lá para cá, outros países quiseram repetir a bela iniciativa.

No Brasil, até agora, já houve quinze congressos eucarísticos nacionais. O primeiro foi realizado em 1933, em Salvador-BA; o último, na cidade de Florianópolis-SC, em 2006, com o tema “Ele está no meio de nós!”. O Papa João Paulo II esteve presente em dois: em Fortaleza-CE (1980) e em Natal-RN (1991). Nos outros ele foi representado por um enviado especial.

## Mensagem do Papa Bento XVI para o 44<sup>o</sup> Dia Mundial das Comunicações Sociais

“O sacerdote e a pastoral no mundo digital:  
os novos *media* ao serviço da Palavra”

Domingo, 16 de maio de 2010

Queridos irmãos e irmãs!

O tema do próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais – “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos *media* ao serviço da Palavra” – insere-se perfeitamente no trajeto do Ano Sacerdotal e traz à ribalta a reflexão sobre um âmbito vasto e delicado da pastoral como é o da comunicação e do mundo digital, que oferece ao sacerdote novas possibilidades para exercer o seu serviço à Palavra e da Palavra. Os meios modernos de comunicação fazem parte, desde há muito tempo, dos instrumentos ordinários através dos quais as comunidades eclesiais se exprimem, entrando em contato com o seu próprio território e estabelecendo, muito frequentemente, formas de diálogo mais abrangentes, mas a sua recente e incisiva difusão e a sua notável influência tornam cada vez mais importante e útil o seu uso no ministério sacerdotal.

A tarefa primária do sacerdote é anunciar Cristo, Palavra de Deus encarnada, e comunicar a multiforme graça divina portadora de salvação mediante os sacramentos. Convocada pela Palavra, a Igreja coloca-se como sinal e instrumento da comunhão que Deus realiza com o homem e que todo o sacerdote é chamado a edificar nele e com ele. Aqui reside a altíssima dignidade e beleza da missão sacerdotal, na qual se concretiza de modo privilegiado aquilo que afirma o apóstolo Paulo:

Na verdade, a Escritura diz: “Todo aquele que acreditar no Senhor não será confundido”. [...] Portanto, todo aquele que

invocar o nome do Senhor será salvo. Mas como hão de invocar aquele em quem não acreditam? E como hão de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão de ouvir falar, se não houver quem lhes pregue? E como hão de pregar, se não forem enviados? (Rm 10,11.13-15).

Hoje, para dar respostas adequadas a estas questões no âmbito das grandes mudanças culturais, particularmente sentidas no mundo juvenil, tornaram-se um instrumento útil as vias de comunicação abertas pelas conquistas tecnológicas. De fato, pondo à nossa disposição meios que permitem uma capacidade de expressão praticamente ilimitada, o mundo digital abre perspectivas e concretizações notáveis ao incitamento paulino: “Ai de mim se não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16). Por conseguinte, com a sua difusão, não só aumenta a responsabilidade do anúncio, mas esta torna-se também mais premente reclamando um compromisso mais motivado e eficaz. A este respeito, o sacerdote acaba por encontrar-se como que no limiar de uma “história nova”, porque quanto mais intensas forem as relações criadas pelas modernas tecnologias e mais ampliadas forem as fronteiras pelo mundo digital, tanto mais será chamado o sacerdote a ocupar-se disso pastoralmente, multiplicando o seu empenho em colocar os *media* ao serviço da Palavra.

Contudo, a divulgação dos “multimédia” e o diversificado “espectro de funções” da própria comunicação podem comportar o risco de uma utilização determinada principalmente pela mera exigência de marcar presença e de considerar erroneamente a internet apenas como um espaço a ser ocupado. Ora, aos presbíteros é pedida a capacidade de estarem presentes no mundo digital em constante fidelidade à mensagem evangélica, para desempenharem o próprio papel de animadores de comunidades, que hoje se exprimem cada vez mais frequentemente através das muitas “vozes” que surgem do mundo digital, e anunciar o Evangelho recorrendo não só aos *media* tradicionais, mas também ao contributo da nova geração de audiovisuais (fotografia, vídeo, animações, blogues, páginas da internet) que represen-

tam ocasiões inéditas de diálogo e meios úteis inclusive para a evangelização e a catequese.

Através dos meios modernos de comunicação, o sacerdote poderá dar a conhecer a vida da Igreja e ajudar os homens de hoje a descobrirem o rosto de Cristo, conjugando o uso oportuno e competente de tais meios – adquirido já no período de formação – com uma sólida preparação teológica e uma espiritualidade sacerdotal forte, alimentada pelo diálogo contínuo com o Senhor. No impacto com o mundo digital, mais do que a mão do operador dos *media*, o presbítero deve fazer transparecer o seu coração de consagrado, para dar uma alma não só ao seu serviço pastoral, mas também ao fluxo comunicativo ininterrupto da “rede”.

Também no mundo digital deve ficar patente que a amorosa atenção de Deus em Cristo por nós não é algo do passado nem uma teoria erudita, mas uma realidade absolutamente concreta e atual. De fato, a pastoral no mundo digital há de conseguir mostrar, aos homens do nosso tempo e à humanidade desorientada de hoje, que “Deus está próximo, que, em Cristo, somos todos parte uns dos outros” [Bento XVI, “Discurso à Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal”: *L'Osservatore Romano* (21-22 de dezembro de 2009) p. 6].

Quem melhor do que um homem de Deus poderá desenvolver e pôr em prática, mediante as próprias competências no âmbito dos novos meios digitais, uma pastoral que torne Deus vivo e atual na realidade de hoje e apresente a sabedoria religiosa do passado como riqueza donde haurir para se viver dignamente o tempo presente e construir adequadamente o futuro? A tarefa de quem opera, como consagrado, nos *media* é aplanar a estrada para novos encontros, assegurando sempre a qualidade do contato humano e a atenção às pessoas e às suas verdadeiras necessidades espirituais; oferecendo, às pessoas que vivem nesta nossa era “digital”, os sinais necessários para reconhecerem o Senhor; dando-lhes a oportunidade de se educarem para a expectativa e a esperança, abeirando-se da Palavra de Deus que salva e favorece o desenvolvimento humano integral. A Palavra poderá as-

sim fazer-se ao largo no meio das numerosas encruzilhadas criadas pelo denso emaranhado das autoestradas que sulcam o ciberespaço e afirmar o direito de cidadania de Deus em todas as épocas, a fim de que, através das novas formas de comunicação, ele possa passar pelas ruas das cidades e deter-se no limiar das casas e dos corações, fazendo ouvir de novo a sua voz: “Eu estou à porta e chamo. Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa, cearei com ele e ele comigo” (Ap 3,20).

Na Mensagem do ano passado para idêntica ocasião, encorajei os responsáveis pelos processos de comunicação a promoverem uma cultura que respeite a dignidade e o valor da pessoa humana. Este é um dos caminhos onde a Igreja é chamada a exercer uma “diaconia da cultura” no atual “continente digital”. Com o Evangelho nas mãos e no coração, é preciso reafirmar que é tempo também de continuar a preparar caminhos que conduzam à Palavra de Deus, não descurando uma atenção particular por quem se encontra em condição de busca, mas antes procurando mantê-la desperta como primeiro passo para a evangelização. Efetivamente, uma pastoral no mundo digital é chamada a ter em conta também aqueles que não acreditam, caíram no desânimo e cultivam no coração desejos de absoluto e de verdades não caducas, dado que os novos meios permitem entrar em contato com crentes de todas as religiões, com não crentes e pessoas de todas as culturas. Do mesmo modo que o profeta Isaías chegou a imaginar uma casa de oração para todos os povos (cf. Is 56,7), não se poderá porventura prever que a internet possa dar espaço – como o “pátio dos gentios” do Templo de Jerusalém – também àqueles para quem Deus é ainda um desconhecido?

O desenvolvimento das novas tecnologias e, na sua dimensão global, todo o mundo digital representam um grande recurso, tanto para a humanidade no seu todo como para o homem na singularidade do seu ser, e um estímulo para o confronto e o diálogo. Mas aquelas apresentam-se igualmente como uma grande oportunidade para os crentes. De fato nenhum caminho pode, nem deve, ser vedado a quem, em nome de Cristo Ressuscitado, se empenha em tornar-se



cada vez mais solidário com o homem. Por conseguinte e antes de mais nada, os novos *media* oferecem aos presbíteros perspectivas sempre novas e, pastoralmente, ilimitadas, que os solicitam a valorizar a dimensão universal da Igreja para uma comunhão ampla e concreta; a ser no mundo de hoje testemunhas da vida sempre nova, gerada pela escuta do Evangelho de Jesus, o Filho eterno que veio ao nosso meio para nos salvar. Mas é preciso não esquecer que a fecundidade do ministério sacerdotal deriva primariamente de Cristo encontrado e escutado na oração, anunciado com a pregação e o testemunho da vida, conhecido, amado e celebrado nos sacramentos, sobretudo da Santíssima Eucaristia e da Reconciliação.

A vós, queridos Sacerdotes, renovo o convite a que aproveiteis com sabedoria as singulares oportunidades oferecidas pela comunicação moderna. Que o Senhor vos torne apaixonados anunciadores da Boa-Nova na “ágora” moderna criada pelos meios atuais de comunicação.

Com estes votos, invoco sobre vós a proteção da Mãe de Deus e do Santo Cura d’Ars e, com afeto, concedo a cada um a Bênção Apostólica.

Vaticano, 24 de janeiro –  
Festa de São Francisco de Sales – de 2010.  
BENTO XVI

## Espiritualidade dos presbíteros afro-brasileiros

ARI ANTÔNIO DOS REIS\*

### *Elementos históricos*

A Igreja no Brasil conta, no seu serviço evangelizador, com mais de 21 mil presbíteros entre os membros das diferentes Congregações, Ordens religiosas e Clero secular. São homens que dedicam suas vidas ao ministério presbiteral. Desses, uma parcela significativa são presbíteros afro-brasileiros. Assumem o múnus do ministério presbiteral: sacerdócio, profecia e pastoreio, enriquecidos com aquilo que é bagagem histórico/cultural, a tradição afro-brasileira.

O presbítero negro assume missão sacerdotal em comunhão com a missão da Igreja<sup>1</sup> no compromisso de fazê-la contribuinte na superação das feridas, injustamente sofridas, ainda presentes na vida dos afro-brasileiros.<sup>2</sup> Isto requer uma espiritualidade ligada a Jesus Bom Pastor e sintonizada com a vida do povo negro. Jesus se fez o servidor da humanidade e convidou os discípulos a ser também servidores (cf. Jo 13,4-17). O serviço do presbítero negro, discípulo do Nazareno, observa com zelo e carinho este interlocutor especial.

A experiência do ser presbítero está sintonizada com a vida e missão da Igreja, com a luta dos agentes de pastoral negros, com os movimentos negros presentes na sociedade, com a luta das populações quilombolas e tantos outros grupos que colocam o ideal da comunidade negra como bandeira de luta, o que está intimamente ligado com o projeto de Jesus Cristo (cf. Lc 4,16-20).

O que liga os presbíteros negros a esses grupos é a condição de vida na diáspora africana, uma condição que precisa

\* **Ari Antônio dos Reis** é presbítero da Diocese de Passo Fundo-RS, formado em Filosofia, História e Teologia, com especialização em Epistemologia Filosófica na Universidade de Passo Fundo e mestrado em Teologia Pastoral na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção-SP. Atualmente, é assessor nacional da Pastoral Afro-Brasileira na CNBB. **Endereço do autor:** SE/Sul Quadra 801, conjunto “B”, CEP 70.200-014, Brasília-DF. Fone: (61) 2103-8300. Fax: (61) 2103-8303. E-mail: afro@cnbb.org.br.

1. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 2.

2. Cf. DAp, n. 533.

ser de esperança, apesar dos sofrimentos legados pela história e ainda vividos no presente. Contudo, o “ano da graça” (Lc 4,16ss) se faz utopia e motivação para se continuar caminhando. A própria cultura sugere que o bem e a alegria se constituem na experiência mais significativa. Tocar o atabaque é celebrar a vida com o corpo e com o canto, daí o caráter especial deste instrumento musical. Ele tem uma relação profunda da espiritualidade dos afro-brasileiros.<sup>3</sup>

Um dos fundamentos históricos da espiritualidade presbiteral afro-brasileira está na experiência de fé de cada presbítero, experiência que é enriquecida pela experiência vocacional. Se o padre negro falar de sua vocação, se ouvirmos o relato de presbíteros negros sobre as experiências que viveram e que vivem, nos defrontaremos com histórias de vida marcadas pela bênção de Deus, pela coragem, pela tenacidade, pelo heroísmo em superar os preconceitos e condicionamentos econômicos e sociais. Tornar-se padre, fazer-se um servidor do Reino de Deus, num ambiente por vezes preconceituoso e arredo ao povo negro, mesmo que camuflado, é marca de uma espiritualidade de resistência. É um acento histórico de característica pessoal, porém próximo à luta do povo brasileiro. Aí estão vidas, existências que se desafiaram a servir ao Reino de Deus.

Quando lembramos os que ficaram no caminho, os que não resistiram, aqueles que ouviram “não” da parte de formadores que compreendiam a vocação como mistério ligado à cor da pele<sup>4</sup> e aceitaram isto, nós nos damos conta do mistério divino e humano que nos acompanha. A vocação é compreendida como inspiração divina, respondida pela opção humana que vê nesta o caminho para a sua plenificação. Contudo uma opção que precisa ser construída ao longo do caminho, no enfrentamento das inúmeras dificuldades de um percurso muitas vezes árido e difícil.

A experiência pessoal do presbítero está ligada à experiência histórica dos afro-brasileiros. Não há como negar que a relação dos afro-brasileiros com a Igreja Católica no passado se revestiu de negações e ambiguidades. No Brasil, o contato com o Evangelho deu-se acompanhado pela

3. Cf. BINA, Gabriel Gonzaga. *O atabaque na Igreja; a caminho da inculturação litúrgica em meios afro-brasileiros*, p. 19.

4. Sobre este assunto ver: OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Limpeza de sangue; exemplos de preconceitos vocacionais*. Ver também: SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social; uma história da Igreja Católica no Brasil*, p. 60ss.

escravidão. Alguns discursos proferidos dos púlpitos chegavam ao coração intermediados pela algema, pelo pelourinho, pela insalubridade da senzala. Outros chegavam aos ouvidos marcados pelo preconceito, pela ideia falsamente difundida de que o negro era gente de segunda categoria, com a possibilidade de não ter alma. Não caberia aqui uma interpretação alternativa da parábola do semeador (Mt 13,4ss) na versão do solo? Em que condições o solo recebia a semente do Evangelho? Como a boa semente do Evangelho foi lançada no coração de tantos negros e negras feitos escravos?

Os negros viveram este momento difícil e sobreviveram a ele. Fizeram mais. Conseguiram construir uma cultura de resistência e refizeram a sua experiência de fé, mesmo com os contratempos. Muitos padres aprenderam de suas famílias e das comunidades a espiritualidade da superação. A proposta do Cristo Ressuscitado vai além dos condicionamentos que a história colocou, pois ele “veio” para que todos tenham vida (cf. Jo 10,10).

Neste percurso, os presbíteros herdaram dos antepassados a riqueza de uma tradição cultural/religiosa que se fez fé amadurecida. Carrega a herança cristã católica, mas tem também o odor da terra africana, que cruzou os mares e chegou até aqui. Esta tradição superou o espectro do esquecimento, plasmou o ar, a água e o solo brasileiro junto com o suor e o sangue dos negros feitos escravos.

A consciência da herança permite que os presbíteros façam uma experiência diferenciada. Esta experiência sustenta as características de uma espiritualidade<sup>5</sup> que marca também a vida da Igreja no continente latino-americano e caribenho. É temperada pela história pessoal, pela diversidade regional, pelo enfoque da Vida Religiosa nos seus diferentes carismas, pelo compromisso com os negros pobres, pelo encontro e partilha. É uma espiritualidade da profecia e do compromisso ético com os que têm a sua dignidade aviltada. Mas também é da festa, da celebração da vida.

Veremos outros elementos dessa espiritualidade.

5. Cf. DAp, n. 56.

## Consciência da negritude

A opção vocacional do presbítero exige um passo a mais na resposta ao chamado de Deus. Consiste na consciência da sua identidade. Ela não está impressa só na cor da pele. Está no sangue, na fisionomia, vem dos ancestrais. É um legado histórico. A negação desta identidade impressa no ser pode levar a um pastoreio envergonhado, desligado do que é opção de vida. Se a pessoa não sabe quem é, não sabe da sua história, ou, se a renega, terá dificuldades para doar-se totalmente a uma missão. Não há como negar as características da herança cultural. Ela é constitutiva do ser e contribui na condução da vida a partir da consciência de uma história. O presbítero se tornou-se ministro ordenado com uma marca pessoal única. É a sua história. Uma vez ordenado, jamais deixa de ser padre. O óleo penetrou a pele e o ser, imprimiu caráter. Jamais deixará de ser negro. Os traços genéticos dizem isto. Esta convicção é necessária diante da tentação de negar a negritude, tentação ainda permanente na atualidade. E as propostas para tanto são inúmeras.

A consciência da identidade implicará, entre outras coisas, a opção por negros e negras pobres. Estão entre os mais pobres. Qualquer pesquisa feita com seriedade apontará esta realidade. A missão presbiteral considera tal contexto. Contudo, ali estão os preferidos do Pai (Tagore).<sup>6</sup> O ministério se faz em sintonia com esses que se fazem os seus preferidos. Irmanam-se ao presbítero também pela história que viveram, pois esta também é a sua história.

Esses irmãos e irmãs nem sempre ocupam lugar nos conselhos comunitários, não estão nas equipes de liturgia nem são catequistas. Muitos não tiveram chance de servir à sua comunidade e viver a vocação cristã. São excluídos também das comunidades.<sup>7</sup> Entretanto, são parte desta Igreja. Vale sempre a pergunta: que espaço se abre a eles?

Uma espiritualidade afro-brasileira tem raiz evangélica, considera a opção pelos pobres e faz aliança com negros e negras pobres, pois vê nestes os interlocutores privilegiados do seu ministério, pela proximidade histórica e também

6. Cf. Bíblia Pastoral.

7. Cf. DAp, n. 65.

porque, segundo a Tradição bíblica, são objetos de atenção especial do Deus da Vida (Ex 3,7).

## Alimenta-se da Palavra de Deus

A Palavra de Deus se faz alimento dos cristãos. A leitura, a reflexão da Palavra de Deus, irmana o padre com tantos cristãos, tantas comunidades, que, na Palavra, encontram a força para continuar no apostolado. O presbítero é homem da Palavra. Esta Palavra é constitutiva da missão e também é fundamento da espiritualidade. A reflexão diária da Palavra de Deus torna o presbítero atento ao que Deus quer do seu ministério, àquilo que se faz exigência da missão que é assumida diante do bispo que o ordenou e lhe confiou o compromisso de ser pastor do Povo de Deus.<sup>8</sup> Na ordenação, o presbítero recebe do bispo a Palavra de Deus com o compromisso de tê-la presente em sua vida e no exercício do seu ministério.

A Palavra de Deus que o nutre também ilumina no que é testemunho de fé e compromisso com a comunidade na perspectiva de resgate dos que estão com a vida e a dignidade ameaçadas. Isso porque a leitura e reflexão da Palavra de Deus fazem o presbítero também ler a existência.<sup>9</sup> Ler a experiência do povo que aprendeu de Deus o sentido da fidelidade a um projeto que é de vida para todos. Ler a inspiração dos profetas que se fazem voz de Deus na denúncia do mal e no anúncio do bem (Am 5,14) e denunciam qualquer forma de enganação ou mentira (Am 5,21-24). Que se fazem solidários com os entristecidos e os animam na certeza de que Deus jamais abandona os seus (Is 40,10s). A profecia, a denúncia do pecado, a esperança, o compromisso com o Reino estão no caminho do presbítero negro.

A ação do presbítero tem Jesus como guia, o Jesus histórico que se faz solidário conosco e com o fardo que carregamos e nos convida a fazer uma troca extremamente significativa (Mt 11,28). Convida o presbítero a estar com ele e lhe diz que é bem-aventurado porque assume a sua causa e as perseguições decorrentes desta (Mt 5,12). Isto coloca o presbítero

8. ARINZE, Francis. *Reflexões sobre o sacerdócio*; carta a um jovem padre. p. 25.

9. Cf. CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*, p. 17.

no caminho e na luta dos profetas. Jesus desafia o presbítero a ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-16). Jesus que enfrentou a cruz não porque fosse um malfeitor, mas porque tocou no coração do projeto (e seus defensores) que oprimia e maltratava o povo. Enfrentando a morte, teve a última palavra sobre a sua vida e missão, a ressurreição (Mt 28,7).

A Palavra de Deus lembra também o aspecto da missionariedade. O presbítero negro é um missionário. O apóstolo Paulo, que se fez missionário, em seu itinerário, anunciou em nome do Jesus que confunde os que acreditam nos poderes do mundo (1Cor 27s). Esse homem levou adiante a proposta do Reino com coragem e, mesmo com a vida ameaçada, não arredou pé de suas convicções. Realizou-se plenamente na missão que herdou de Jesus (1Tm 4,6). O padre negro se faz missionário e busca realizar-se nessa missão. Ali está a sua identidade ministerial.

Vale lembrar o testemunho de tantos cristãos que não arrefeceram na fé mesmo em um ambiente extremamente adverso (1Pd 1,1), e procuraram orientar seus irmãos na fé e no projeto para que permanecessem firmes na fidelidade ao Evangelho (Ap 1,1-3). Como o autor da Carta de Pedro, como João, exilado na ilha de Patmos, autor do Livro do Apocalipse, os negros fizeram a experiência do exílio, da diáspora.

Contudo não se afastaram do projeto e se fizeram animadores dos outros irmãos. Esses exemplos apontam para o presbítero um caminho a ser seguido. Então a Palavra se faz alimento do projeto presbiteral e garante a fidelidade ao Reino. Ela é um manancial da espiritualidade presbiteral. É a Palavra dita aos oprimidos e humilhados deste mundo.<sup>10</sup> É a Palavra dita ao povo negro. Alimentar-se da Escritura implica alimentar-se do desejo de Deus de vencer a opressão, porque Deus não concorda com a injustiça. A Palavra de Deus é alimento e compromisso para o presbítero negro.

A Palavra de Deus é uma “boa notícia” para o presbítero que sempre o desafia a fazê-la “boa notícia” para os seus interlocutores no exercício do ministério. Nesse percurso sabe que o ministério é exercido em nome da Igreja, mas

10. Ibid.

cabe o carinho, o jeito de fazê-la “boa notícia” para os mais enfraquecidos.

### *Vida na Eucaristia*

O presbítero negro se alimenta da Palavra, inspiração divina que o desafia a enfrentar a realidade, esta que diz da premência da missão. É uma fonte importante. Há também outra fonte que para o padre é de suma importância.

A Eucaristia liga o presbítero a Jesus de Nazaré, à sua missão e ao seu derradeiro sacrifício pela salvação da humanidade. Lembra que Jesus buscou a partilha. Partilhou a missão com os discípulos (Mc 1,16), partilhava com o Pai, através da oração, aquilo que era alegria, dúvida ou preocupação. Por isso retirava-se seguidamente para rezar. Partilhou com a multidão a bem-aventurança de servir ao Reino através do serviço à humanidade (Mt 5,12). Jesus fez da sua vida uma grande partilha.

O presbítero negro celebra a Eucaristia como memorial dessa doação extrema de Jesus. Ele mandou os discípulos, e hoje manda a nós, rezar este memorial que se faz fundante para a nossa espiritualidade e é o central da vida cristã. A Eucaristia, memorial de Jesus, fortalece e anima no compromisso com o Ressuscitado e no compromisso com os que estão prestes a ser sacrificados inutilmente nos altares de uma sociedade excludente.

O sacrifício de Jesus foi aceito por Deus (Hb 10,10). O sacrifício de irmãos e irmãs negros deve ser evitado por nós. Deus não quer tais sacrifícios e não os aceita. Celebrar a Eucaristia implica não compactuar com os sacrifícios inúteis. Nesse sentido, a Eucaristia reforça o compromisso de fé. Celebrar a Eucaristia é comprometer-se com a luta do Nazareno, que se faz a nossa luta. Comungar com Jesus é comungar o compromisso que marcou a sua missão e que hoje é nossa missão, está ligada profundamente à vida da comunidade negra.

Compreende-se a Eucaristia como centralidade, fonte e ápice da vida de fé. Nela, o presbítero encontra forças para

manter-se atento e fiel ao que o Mestre pede e ao que irmãos e irmãs negros desafiam a fazer, lutar para que a vida seja plena. Quantas vezes o desânimo não pesou na caminhada? Quantas vezes não se fica tentado a parar e ficar à beira do caminho chorando as mágoas e decepções? De fato, o caminho não é fácil. Não existe missão presbiteral que acentue o profetismo e a defesa da vida que seja fácil. Aquilo que é constitutivo da missão presbiteral a torna difícil, porém sem isto não existe uma missão presbiteral autêntica e evangélica. A crise do profeta Elias (cf. 1Rs 19,4s) às vezes assalta o presbítero e o faz desejar ficar no caminho imaginando ser isto a melhor solução. Elias foi desafiado pelo anjo a levantar-se e comer. Foi desafiado a continuar o caminho.

O presbítero tem a graça da Eucaristia. Ela é o alimento da sua espiritualidade. É o remédio para qualquer princípio de desânimo. O presbítero negro celebra a Eucaristia, comunga o corpo e sangue de Cristo para continuar na missão experimentando a solidariedade e o carinho com tantos que ficaram no caminho, ajudando-os a se reerguer e continuar caminhando. Ela o fortalece para marcar a missão com o selo do profetismo quando empresta a voz a negros e negras que já estão sem voz. Faz isso porque o Cristo vitorioso está presente e o faz acreditar na vitória definitiva das forças da vida contra as forças da morte presentes no preconceito e discriminação racial.

### ***Compromisso evangélico com os pobres: opção preferencial***

Compreende-se este compromisso não como chavão usado a toda hora, por isso desgastado na sua essencialidade. É compromisso evangélico por estar profundamente enraizado na Boa-Nova do Nazareno. É o compromisso que desafiou o presbítero na vocação, na missão e no seguimento de Jesus. O Evangelho lido diariamente vai apontando os caminhos da missão presbiteral e fortalecendo-a diante das dificuldades e dúvidas. Esclarece, diante de tantas atividades, o que é realmente prioridade. É ter o costume de be-

ber do manancial que, ao mesmo tempo, desafia e nutre o presbítero.

Jesus já revelava essa prioridade.<sup>11</sup> Recordar-se em Lc 4,16-20 a narrativa da missão de Jesus. Ali estava o essencial do programa de Jesus. A prioridade estava com os últimos da sociedade de seu tempo.

O conhecimento dos documentos da Igreja latino-americana e caribenha ajuda a ter a noção da importância dessa opção eclesial identitária. A Conferência de Medellín (1968) significou a tentativa de uma reflexão da vida da Igreja com o rosto latino-americano. Enfoca a realidade da pobreza na América Latina, apontando as causas e questionando os modelos de crescimento econômico da maioria dos países latino-americanos. Anos mais tarde, a Conferência de Puebla retomou o fio condutor de Medellín. Ao elencar as feições sofridas, recorda o “rosto dos afro-americanos vivendo em segregação e em condições desumanas”. Os bispos reunidos em Puebla compartilham das dores, angústias e sofrimentos do povo.<sup>12</sup> As conferências de Medellín e Puebla, inseridas na vida do povo latino-americano, colocaram a reflexão do mundo dos pobres em plano destacado.

A Conferência de Santo Domingo, enfocando as culturas presentes no continente, afirma o reconhecimento da ação de Deus, através do seu Espírito, em todas as culturas. Revela o apoio na defesa da identidade dos afro-americanos e no reconhecimento dos valores culturais.<sup>13</sup> A Conferência de Aparecida retoma com vigor este compromisso, que é para todos um grande alento e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade significativa.<sup>14</sup>

Para os padres negros, vindos, na sua maioria, de famílias pobres, este compromisso é mais entranhado. É parte essencial da vida de fé. O pobre não é o outro, é parte do presbítero, é a sua história revivida no irmão e na irmã pobre. A espiritualidade presbiteral recebe a marca deste compromisso eclesial e pessoal. Eclesial porque envolve toda a nossa Igreja. Pessoal porque faz ninho na razão e no coração.

É compromisso do presbítero negro reavivar este dado de fé. Cabe a ele exercer a crítica lúcida nos momentos em que

11. Ibid.

12. DAp 34.

13. Cf. Santo Domingo, n. 249.

14. Cf. DAp, n. 65.

a Igreja e os colegas desviam esta opção, quando colocam outras opções difusas num plano prioritário em relação à opção pelos pobres. Às vezes, essas “outras opções” são circunstanciais, quando não interesseiras. Não são evangélicas, pois estabelecem uma cisão entre a missão presbiteral e a Boa-Nova de Jesus. No caso dos padres negros, o risco se agrava porque dentre os pobres a vida da sua gente continua marcada pela pobreza e pela exclusão.<sup>15</sup>

Aqui aparece também a dimensão da misericórdia e da compaixão, marcas da espiritualidade presbiteral. Jesus viveu em profundidade essas dimensões, fato que o povo pobre da Palestina percebeu e com isso e por isso se sentiu confortado e admirado. A misericórdia e a compaixão fazem o presbítero negro inserir-se com mais profundidade no mistério de Jesus.

O presbítero não é apenas um ator social que busca a reparação social e política para a comunidade negra. Ele está ligado profundamente a esses agentes. A causa é a mesma, mas existe algo maior. O Reino de Deus, o Reino sonhado por Jesus e por tantos negros e negras, começa aqui e aponta para o Reino definitivo. Sem essa consciência a espiritualidade carece de uma raiz mais profunda e por isso torna-se claudicante. A luta do presbítero negro compreende as lutas social e política como possíveis mediações do Reino de Deus.

### *Consciência da riqueza da cultura e da religiosidade*

O presbítero negro tem uma herança cultural e religiosa valiosa. As tradições trazidas do solo africano receberam os elementos da cultura ocidental presente nas terras brasileiras. Na luta pela sobrevivência, aprenderam a assimilar esses elementos diferentes. As manifestações religiosas que, por contingência histórica, se encontraram com a tradição católica se revestiram de outro significado. Os negros não têm reservas ou preconceito em relação à fé católica.

O presbítero assume esta herança milenar, influenciada pela experiência no Brasil. Ela está nos gestos, na leitura dos

15. Cf. DAp, n. 89.

fatos da vida, no jeito de rezar, no trato com o povo. Por vezes, o presbítero é tentado a esconder esses caracteres. É o risco da formatação perniciosa, da meticulosidade antievangélica. Aí é tudo medido, calculado. Entra-se na racionalidade cartesiana, num pragmatismo demoníaco. Afasta-se do povo, dos seus. Há um afastamento do princípio cristão (Mt 11,28), da virtude da caridade (1Cor 13,13) e do compromisso evangélico (cf. 1Cor 9,14).

A cultura e a religiosidade são afeto, coração, riso. Os dentes brancos são próprios para o sorriso e não para se esconder atrás da carranca. É o traço cultural e religioso que é celebrado no cotidiano e no templo. É uma característica da espiritualidade presbiteral que não nega a experiência cristã, mas a enriquece.<sup>16</sup>

### *Sentido de eclesialidade*

O presbítero é parte da comunidade eclesial. É membro de uma Igreja que é santa e pecadora. Há aqui uma noção de identidade. Somos padres negros. Temos nossas raízes na mãe África, o que para nós é muito caro. Algo foi acrescentado na nossa identidade. O Batismo marcou esta pertença. Muitos irmãos não viveram tal experiência. Não se aprofundaram na condição de batizados, até mesmo por não se sentirem acolhidos na Igreja. Nesse caso, permanece o desafio de fazer a opção preferencial pelos pobres plasmar todas as atividades pastorais.

O presbítero negro vive uma dimensão mais profunda como membro da Igreja. O ministério presbiteral o colocou na condição de pastor, de servidor. O sentido da eclesialidade marca a sua missão.

Não há referência a uma eclesialidade vazia, institucionalizada e desligada da vida do povo. É a eclesialidade de acento comunitário, que celebra a vida do povo na favela, na roça... É a eclesialidade da resistência que foi em muitos momentos o porto seguro, o aconchego dos perseguidos pelos regimes totalitários. É a eclesialidade do anúncio e da denúncia, lembrando o veio profético. É a eclesialida-

16. Cf. DAp, n. 56.

de inquieta, que não se acomoda diante do marasmo e do aconchego em que a sacristia é transformada.

A inquietude sugere a transformação de presbítero mesmo como pastor, e do meio onde vive. Ama a Igreja e porque a ama a quer no seguimento de Jesus Cristo, sem desvios.

Essa consciência eclesial se faz presente no seu coração. É aquela que o irmana com seus colegas de ministério, que faz dizer: “Meu irmão, estou na mesma luta, estou com você, quero somar-me a você e não disputar poder ou espaço”. Essa identidade eclesial faz resistente, solidário, sonhador com os pés no chão. É muito bom saber que, como negro, assume-se uma vocação muito querida do povo, isto não por ranço clericalista, mas por reconhecimento do valor da missão que é assumida.

### *Consciência das feridas, da terapia necessária*

Nossa história carrega o fundo trágico da escravidão. Um grande muro, aparentemente intransponível, que só foi superado pela fé no Cristo Ressuscitado. A ferida do corpo e da alma é uma marca que fica. Como presbíteros precisamos aprender a lidar com essas feridas. A questão é como trabalhamos com elas. Não esqueçamos que elas estão na alma do nosso povo. O nazismo marcou os judeus e também os alemães. A história atesta a vergonha de uns e o sofrimento de outros.

A escravidão sugeriu a via do sofrimento aos negros e destruiu as chagas dos escravizadores através do curativo do racismo cordial. O trabalho com essa ferida é um desafio para todos nós. Isso poderá ser feito sem cair na paranoia, na mania de perseguição, sem querer encobrir nossas fraquezas.

A consciência de uma cultura ferida sugere a terapia e a superação. Uma espiritualidade presbiteral afro-brasileira compreende a ferida, não esconde, tem consciência dela para que não se agrave. Porém não se entrega a ela. Tratá-la não significa sucumbir a ela.

### *O Reino de Deus é o horizonte*

Jesus falou do Reino. Lembramos que a luta do padre negro objetiva o Reino. Esse tema é constitutivo não só da pregação, é uma missão. Sem o fundamento do Reino, o presbítero corre o risco de uma espiritualidade desenraizada. A menção do futuro da missão presbiteral alerta para o olhar para o passado na perspectiva de ter cuidado para se reportar a um passado na África que não existe mais.

A utopia não é jogada para o passado, aponta para o futuro que deve ser construído pela humanidade que segue o Nazareno. O presbítero negro assume também este compromisso. A fé no Reino vindouro impulsiona a ação. Os sinais deste Reino devem ser apontados e testemunhados, porém eles não surgem magicamente. São frutos da luta, do apostolado, da missão. Ser presbítero implica acreditar profundamente no Reino de Deus e também na capacidade humana de fazê-lo acontecer, não na sua plenitude, mas como início do que será uma realidade definitiva.

Para os negros, os sinais desse Reino se revestem de características especiais. Passa pelo fim do preconceito, pelo direito de ocupar o lugar na sociedade, pelo reconhecimento teórico e prático da cidadania. Essas realidades, sonho da comunidade negra, se fazem impulso no caminho do Reino definitivo.

### *Conclusão*

O presbítero negro é um homem agraciado por Deus pelo chamado à vida, pelo chamado à vida eclesial e pelo chamado a assumir a vocação de pastor. Essa graça é assumida na disponibilidade e na alegria, apesar dos limites e das fragilidades, comuns a todo o ser humano.

Nesses chamados divinos surge a sua condição cultural, enquanto presbítero negro. A negritude é vista como um dom, graça de Deus. Tal compreensão caracteriza significativamente o exercício do ministério.

A experiência de assumir esses chamados que brotam do amor de Deus vai sendo fundada na Palavra, enquanto gesto

de amor do Pai. É sustentada na Eucaristia, enquanto memorial e compromisso com a missão do mestre de Nazaré. O presbítero negro vive a missão com uma atenção profunda aos pobres, porque ali está a sua origem e porque é constitutivo da missão da Igreja. Essas duas condições revelam a densidade da sua opção, enquanto ministro ordenado.

Na condição de missionário da Igreja, contempla com carinho a sua herança, o que é característica da sua gente, dos antepassados. Essa herança é “riqueza”. Não deve gerar envergonhamento, mas consciência de uma tradição valiosa a ser explicitada na sociedade pluricultural, mas ainda discriminatória e preconceituosa, contribuindo para o seu enriquecimento e consciência da alteridade.

Enquanto presbítero, é membro da Igreja, de um corpo presbiteral, tem graves responsabilidades em relação aos católicos. Significa que tem uma identidade de fé, de pertença. Isto acontece em nome de uma proposta maior, o anúncio do Reino de Deus. Compreende-se como alguém a caminho. Eventualmente, precisa encontrar-se com o Ressuscitado para vencer a tentação do desânimo, aquecer o coração e continuar na luta, pois este é o desejo daquele que o chamou.

### Bibliografia

- ARINZE, Francis. *Reflexões sobre o sacerdócio*; carta a um jovem padre. São Paulo: Paulus, 2009.
- BINA, Gabriel Gonzaga. *O atabaque na Igreja*; a caminho da inculturação litúrgica em meios afro-brasileiros. Mogi das Cruzes: Editora e Gráfica Brasil, 2002.
- CELAM. *II Conferência do Episcopado Latino-Americano*; conclusões de Medellín. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- \_\_\_\_\_. *III Conferência do Episcopado Latino-Americano*; evangelização no presente e no futuro da América Latina, conclusões de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.
- \_\_\_\_\_. *IV Conferência do Episcopado Latino-Americano*; nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. São Paulo: Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

- CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1985.
- OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Limpeza de sangue*; exemplos de preconceitos vocacionais. Brasília: CNBB/Pastoral Afro-Brasileira, 2003.
- SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social*; uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Jesus se fez o servidor da humanidade e convidou os discípulos a ser também servidores. Como percebemos a concretude dessa dimensão evangélica na missão dos presbíteros?
2. Não há como negar que a relação dos afro-brasileiros com a Igreja Católica no passado se revestiu de negações e ambiguidades. Em nossos dias, como se dá esta relação?
3. A luta do presbítero negro compreende a luta social e política como possíveis mediações do Reino de Deus. Em nossas comunidades eclesiais valorizamos essas mediações?



## O amadurecimento humano em Jesus Cristo, o amadurecimento pessoal e os obstáculos ao amor e à fé

JOSÉ DEL-FRARO FILHO\*

Conhecer e possibilitar o amadurecimento psicológico do ser humano é tão importante quanto aprender a ler e escrever, aprender as disciplinas do ensino fundamental, ou lutar pela paz do mundo. Pois, para que haja sociedade “sadia”, é indispensável pessoas bem estruturadas emocionalmente: seres humanos que fizeram a experiência de ser cuidados e amados pelos pais ou substitutos, família, escola, e nos círculos sociais cada vez mais amplos. Planejamento familiar, maior conhecimento das patologias orgânicas, conhecimento genético, distribuição de renda, geração de empregos, justiça social, diplomacia entre países, ética na política, zelo ecológico, lutas contra a discriminação de minorias ganharão enorme força e concretização caso haja décadas de investimento no cuidado a cada ser humano que vem ao mundo. Cada ser apresenta, desde o início de sua existência, uma tendência à vida, à integração, à ética, ao amor, enfim: ao amadurecimento humano, caso seja cuidado desde os primeiros meses e anos de vida e adolescência. Pois são os adultos sadios os responsáveis pela construção de um mundo onde predomina a paz, o amor, a ética: construção do Reino de Deus.

A democracia<sup>1</sup> duradoura não se forma em um tecido social constituído por indivíduos doentes, assim como uma sociedade imersa em valores distorcidos é o solo para o adoecimento psicossomático individual.

O céu e o inferno, e todas as nuances entre esses dois extremos, começam e se desenvolvem na indiferenciação mãe–bebê, criança–mãe e, depois, criança–mãe–pai (ou substituto).

\* José Del-Fraro Filho é médico psiquiatra e psicanalista. **Endereço do autor:** E-mail: clinicafraro@planetarium.com.br. Site: <www.patriciaejosedelfraro.com.br>.

1. WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 252. [1950.]

Uma sociedade em que há a primazia do intelecto, do orgânico, da tecnologia, da sexualidade banalizada e dos valores éticos distorcidos em detrimento da ética do cuidado a cada novo ser que vem ao mundo está fadada a distúrbios psíquicos graves: individuais e inter-relacionais. Entre eles, graves transtornos de personalidade e delinquência infanto-juvenil. Análises sociológicas, políticas, econômicas, antropológicas, teológicas são fundamentais, porém insuficientes, caso continuemos a ignorar a natureza humana e o seu amadurecimento.

Urge o ser humano habitar sua própria casa, sua morada psicossomática e, depois, seu mundo interno em constante permuta com a realidade objetiva compartilhada. As pessoas precisam de moradas seguras em si mesmas e não apenas moradias concretas.

A dimensão espiritual, a fé, também não existirá, ou será imatura, infantil, fanática, alienada ou projetiva, caso não haja instaurada a confiança, a capacidade de crer, de acreditar em si mesmo e no outro, pois Deus é relação, amor.

A psicanálise, em Winnicott, ressalta a importância da sexualidade, mas a descentra como a principal dimensão do humano. A sexualidade, genericamente definida como “tudo o que gera prazer”, segundo Freud, não se constitui como o paradigma fundamental para a compreensão do ser humano, mas sim a necessidade de ser e continuar sendo pela confiabilidade. “Tarefas”<sup>2</sup> da dupla mãe – bebê como instalação da parceria psicossomática, temporalização e espacialização subjetivas do bebê, constituição do si-mesmo e acesso gradual à realidade objetiva compartilhada – são regidos pelo cuidado e não pelo prazer. A base humana – a plataforma que sustenta todas as outras identidades: sexual, profissional – é a formação, principalmente no primeiro ano de vida, da identidade existencial. Ou seja: ser um si-mesmo singular no meio das pessoas e transformar o mundo, a realidade objetiva, mas não perder a espontaneidade e a criatividade. O principal para o bebê, do ponto de vista psicológico, é “emergir” de sua mistura com a mãe, apresentar um eu separado dela e passar a habitar pelo menos em três sentidos de

2. Id. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 8-10. [1968.]

realidades ou mundos: mundo subjetivo (mágico), o mundo transicional entre o subjetivo e o objetivo compartilhado e, após as primeiras etapas do amadurecimento pessoal, construir, habitar, através da continuidade de cuidados, seu mundo interno e se relacionar com o mundo externo.

A privação de cuidados básicos nos primeiros meses, época em que a dependência do bebê é absoluta, pode causar graves distorções em sua personalidade. A mãe necessita da cobertura paterna, familiar e social para se identificar com todo tipo de necessidades de seu bebê, que nessa época nem sequer pode desejar algo ou alguém. No entanto, a perfeição é utopia e falhas acontecem. A mãe superprotetora ou seu oposto promove invasões no si-mesmo incipiente do bebê. Somente se as invasões se tornarem padrão ocorrerão doenças psíquicas ou sintomas graves. O bebê, que inicia a vida, misturado à mãe, não consegue atingir o *status* de unidade separada dela. Essa separação deve ocorrer aos poucos e se fortalece em torno de um ano a um ano e meio.

As consequências dessa não separação podem ser desastrosas. Se para esses indivíduos não existe bem delimitado o eu e o outro, podem até sobreviver racional e intelectualmente, mas não vão conseguir se relacionar com outro (filho, cônjuge, colegas, a sociedade) como não eu, como alteridades. E ocorre o risco do utilitarismo, da objetificação do outro, ou seja: não há relação verdadeira. Se a pessoa não tem a si própria, como se relacionar com o outro? A pessoa imatura emocionalmente utiliza o próximo como prolongamento do si-mesmo pouco constituído, como objeto subjetivo, ensina Winnicott.<sup>3</sup>

Outras consequências são: violentas angústias – como em alguns casos de síndrome do pânico –, distúrbios de caráter, distúrbios alimentares, psicossomáticos e autossuficiência como defesa contra angústias de aniquilamento.<sup>4</sup> Nesse sentido, a psicanálise nos auxilia a ser mais cristãos, ao não julgamento e a maiores níveis de misericórdia a todos. Outras problemáticas possíveis são: retraimento, frieza, submissão, medo de um colapso, loucura, hipertrofia da inteligência a custa da psique, sentimentos de vazio intenso, de irrealdade e de que a vida não vale a pena ser vivida.

3. Id. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 196. [1969.]

Além disso, pode ocorrer fragilidade do ser, sede de poder e de ter, distorções da realidade objetiva compartilhada (a pessoa vive mergulhada em uma subjetividade isoladora) ou colagem à realidade objetiva, com sacrifício da personalidade. Os impulsos sexuais e agressivos, que vão ganhar mais importância depois dessas primeiras etapas do amadurecimento, podem não encontrar mediação nesse si-mesmo quebrado, dissociado, imaturo. A violência, a destrutividade e sexualidade anárquica podem ocorrer. Caso esse bebê pudesse falar (zero a um ano), ele nos diria: “Não confio, não acredito, não tenho fé nas pessoas, ou acredito pouco, não posso depender de ninguém, quando crescer me fecharei em minha autossuficiência, no poder, no ter para não depender do cuidado dos outros e ser aniquilado”. Nesse sentido, essas pessoas não se esvaziam de si mesmas, como, por exemplo, Jesus se esvaziou, porque não foram preenchidas por cuidados básicos. O espaço de liberdade e consciência do ser humano são bem menores nesses casos e os “pecados” precisam ser relativizados.

O bebê pode ter início de cuidados nos primeiros meses de vida e perder essa boa provisão de cuidados maternos. E esses cuidados, caso não sejam resgatados ao longo da infância, apesar dos sinais de socorro que a criança emite aos pais, creche, escola, podem fazer ocorrer roubos e mentiras na infância, delinquência na juventude e psicopatia na vida adulta. O indivíduo, sem saber e compulsivamente, cobra da sociedade esses direitos por cuidado que lhe foram “roubados”.<sup>5</sup>

O importante é ressaltar que todas essas mazelas psíquicas individuais e sociais podem ser amenizadas ou corrigidas, quando no início de seu estabelecimento ou prevenidas caso os pais, os substitutos e os profissionais da área do cuidado – neonatologistas, pediatras, assistentes sociais, coordenadores de creches, religiosos(as), pastorais sociais, professores, psicólogos, psicanalistas – conheçam a Teoria do Amadurecimento Humano e fortaleçam os responsáveis pela criança no sagrado ato do cuidado.

Algumas consequências ou obstáculos à fé nesses primeiros períodos de maior dependência ao ambiente:

4. Id., *Os bebês e suas mães*, p. 88.

5. Id. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.141. [1956.]

- Não crer em nada.
- Fé fusional compensatória dos déficits de cuidados, diferente da fé dos místicos.
- Colocar alguns como “deus”. Exemplo: seitas como a do “pastor” Jim Jones, quando ocorreu o suicídio coletivo dos fiéis e do próprio dirigente.

A etapa no amadurecimento chamada *concernimento*.<sup>6</sup> Esse termo se refere à capacidade da criança de se colocar no lugar do outro (mãe) e repará-lo por atos agressivos reais ou imaginários. A primeira fase do *concernimento* ocorre entre um ano até os dois ou três anos.

Uma vez alicerçada a personalidade da criança nos primeiros doze a dezoito meses, ela alcança alguma identidade pessoal e, caso a confiabilidade ambiental permaneça, a criança amadurece no sentido de estabelecer uma identidade de pessoa total, inteira, que se relaciona com outra identidade total, sua mãe. Aí sim, ao existir pessoas inteiras e a noção de passado, presente e futuro, boa integração da psique no soma, a criança caminha de sua pré-história para sua história singular: mundo interno, fantasias, mundo externo. Ela percebe que tudo que fizer, atos amorosos ou agressivos com o outro, terá consequências para ela e para quem ela ama. Winnicott faz uma descoberta essencial sobre a construção da ética humana: somente quem conseguiu chegar a esse nível de amadurecimento emocional pode se preocupar com a sorte do outro e do mundo. Vale a pena dizer que as conquistas podem ser<sup>7</sup> perdidas e recuperadas ao longo da vida. A mãe sobrevive e acolhe os impulsos agressivos da criança, fornece limites e continua a amar com o apoio paterno e familiar. Para Winnicott, a ética não é imposta como lei e seus alicerces estão diretamente relacionados ao cuidado e amor materno.

Possíveis consequências mediante fracassos no amadurecimento nessa etapa de vida da criança: dificuldade de reparar o outro ou de sentir gratidão, excesso de agressividade, mágoa, ressentimento, propensão a conceber “Deus” como retaliador e vingativo, projeção dessa parte do mundo interno na pessoa em Deus.

6. Id. *O ambiente e os processos de maturação*; estudos sobre a teoria do amadurecimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 105. [1965.]

7. Id. *O ambiente e os processos de maturação*. 1983. p. 62 e 69. [1962.]

As relações humanas pautadas na fé em Deus e na prática de Jesus só podem acontecer se primeiro fizemos experiências de Deus no início de nossas vidas, por meio do amor humano. É preciso que haja uma mãe devotada, cobertura paterno-familiar e proteção social para que ela possa exercer a missão do cuidado. A mãe precisa continuar a ser ela mesma, mas ao mesmo tempo descentrar-se e, com paciência, cuidar. A criança, nos primeiros anos, não apresenta condições psíquicas de ser catequizada ou de saber que conta com o amor incondicional de Deus e ter fé nele.

Na segunda fase do *concernimento*, em torno dos dois e três anos, o pai é percebido pela criança como pessoa total e também por explorações psicanalíticas.<sup>8</sup> Será alvo de amor e agressividade, fato que alivia a criança e a mãe. A figura paterna, além disso, fornece molduras à agressividade da criança.<sup>9</sup>

Contudo, somente entre os três e os cinco anos entra em cena o *complexo de Édipo*, a criança se sente a terceira excluída do triângulo pai-mãe-criança.<sup>10</sup> Ela se sente excluída da intimidade sexual dos pais, a diferença entre os sexos e a diferença de gerações são questões importantes nessa etapa de sua vida. Ao pai ou substituto caberá continuar o estabelecimento de limites ao(à) filho(a), doses de realidade, além do amor e do enriquecimento da identificação sexual e incremento positivo na personalidade, como os ideais de ego e o fortalecimento da ética. Algumas pessoas nem sequer chegam ao *complexo de Édipo*.<sup>11</sup>

Caso a criança tenha vivido essa experiência a três, a experiência edípica, de forma violenta ou através de um pai omissivo ou ausente, ela pode projetar tais dificuldades em Deus, origem da fé imatura, ou simplesmente não ter fé na Trindade. Se Deus é Trindade e comunidade e a primeira experiência a três foi vivida em um ambiente de violência doméstica, ou indiferença, torna-se inviável a fé madura em Deus e os ideais comunitários, grupais e sociais se tornam mais difíceis.

Esses fatores contribuem para o individualismo, a competitividade desenfreada e a rivalidade na vida pessoal e social.

8. Id. *Explorações psicanalíticas*, p. 440.

9. Ibid.

10. DIAS, Elsa O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 289-290.

11. WINNICOTT, *O ambiente e os processos de maturação*, cap. 21, p. 211.

Entre os seis e os dez anos a criança se encontra no *período de latência* e precisa continuar a ter um bom ambiente e receber cuidados. Se tudo correr bem até aqui, este é um período fundamental e rico para a aprendizagem e a curiosidade intelectual.<sup>12</sup>

Posteriormente, ocorre a chegada da *adolescência*, período turbulento de busca de singularidade e socialização. Pode haver muita angústia, pois ocorre a reelaboração de todas as fases anteriores do amadurecimento, além dos conflitos inerentes à fase e pelo fato de os adolescentes não serem mais crianças, e também ainda não adultos. Geralmente, há um quadro confuso, em que ocorre a oscilação entre a dependência e a arrogância em relação aos pais e à sociedade. Winnicott assinala como a imaturidade adolescente é um elemento essencial, porque ela contém o germe do pensamento criativo.<sup>13</sup> Para o adolescente, em sua fantasia inconsciente, crescer é um ato inerentemente agressivo, porque significa ocupar o lugar do genitor.<sup>14</sup> Os adolescentes mais saudáveis não aceitam falsas soluções<sup>15</sup> e estão às voltas com sua orientação sexual, desejos e fantasias agressivas e sexuais. O papel dos pais é oferecer doses pequenas de realidade, sobreviver aos ataques,<sup>16</sup> devidos, na certa, à instabilidade emocional, sem retaliá-los.<sup>17</sup> Os pais precisam manter seus próprios pontos de vista e propiciar um confronto sadio com seus filhos. Por meio desse ato, fornecem realidade ao adolescente.<sup>18</sup> É um confronto sadio porque cheio de vivacidade, não tendo como base a vingança e muito menos o sentimentalismo. Para Winnicott, só há uma “cura” para a adolescência: a passagem do tempo. O amadurecimento conduz ao sentimento adulto de responsabilidade, capacidade de amar e ser amado e de auxiliar a transformar a realidade objetiva compartilhada e conviver em sociedade sem perder sua espontaneidade, criatividade e acesso às experiências culturais, como as artes e a religião. Até, quem sabe, chegar à velhice e acolhê-la. No entanto, somente quem foi cuidado, amado e pôde fazer experiências verdadeiras é capaz de se sentir “bem vivo na hora de sua morte” (Winnicott).<sup>19</sup>

12. Id. *O ambiente e os processos de maturação*. 1983. p. 110.

13. Cf. *ibid.*, p. 198.

14. Cf. *ibid.*, p. 195.

15. Todas as referências estão em: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. [1968.]

16. Cf. *ibid.*, p. 196.

17. Cf. *ibid.*

18. Cf. *ibid.*

19. WINNICOTT, *Explorações psicanalíticas*, p. 3.

### *Outros fatores que dificultam a fé cristã*

- Escassa formação cristã no seio de algumas famílias.
- Confundir Deus com as instituições religiosas.
- A questão do mal e do sofrimento: Deus apresenta uma dimensão incompreensível.
- A questão dos dogmas, quando ensinados de forma confusa e autoritária.

### *Algumas diferenças entre o enfoque psicanalítico winnicottiano e a interpretação freudiana em relação às religiões*

Freud, criador da psicanálise, era judeu e ateu. Ele percebeu que muitos pacientes e pessoas, ao falar de Deus, projetavam na figura dele sua própria neurose e infância esquecida. O desamparo infantil e a culpa ligada à sexualidade e agressividade levavam o ser humano a criar Deus. Freud inverte a relação Criador e criatura. O ser humano cria Deus, a religião é mera ilusão, infantilismo e neurose obsessiva coletiva. Freud, assim como Marx quando disse que as religiões são o ópio do povo, presta um grande favor à humanidade ao desmascarar o deus antropomórfico: o deus criado pelo ser humano (Freud), além do deus criado como justificativa às injustiças sociais (Marx). Freud e Marx, nesse sentido, libertaram o ser humano de um deus que barrava a luta humana por sua singularidade (psicanálise) e por sua cidadania (viés sociopolítico). A busca do ser humano é pela fé e espiritualidade madura e autêntica, sem escapismos psíquicos e sociais. O autêntico e maduro cristão necessita de implicação nas suas questões psicológicas e engajamento social. Disso resulta que alguns ateus bem integrados emocional e socialmente podem ser mais cristãos que muitos de nós.

Winnicott, ao contrário de Freud, valoriza e legitima a experiência religiosa, situando-a como um elemento enriquecedor da dimensão humana. As religiões, para Winnicott, estão situadas entre a realidade ou mundo subjetivo e o

mundo objetivo compartilhado.<sup>20</sup> Não existe a possibilidade de alguma religião estar imersa em um mundo totalmente subjetivo, mágico, somente dele como em um sonho, e não existe religião mergulhada no mundo totalmente objetivo. Para Winnicott, as religiões se situam entre esses dois extremos de realidade e é exatamente nesse espaço de realidade de transição entre o subjetivo e o objetivo, chamado espaço potencial,<sup>21</sup> que as experiências espirituais, culturais e artísticas acontecem, tornando a pessoa mais simbólica e, conseqüentemente, mais humana.

Se para a psicanálise, em Winnicott, o verdadeiro si-mesmo<sup>22</sup> é construído através de um ambiente suficientemente bom, a espiritualidade cristã ou nosso “humanismo básico”, como nos ensina o dalai-lama, nos convoca a formar esse ambiente suficientemente bom.

Para a espiritualidade cristã, Jesus Cristo é o paradigma da integração total, facilitador universal do cuidado e do amor. Os enfermos, cada um de nós, em maior ou menor proporção. Por isso, quanto mais em desequilíbrio viverem a sociedade, a família, os pais e principalmente a mãe, mais longe estaremos de Deus ou teremos pouca semelhança com ele. Jesus não só amava a criança por ser criança, desprezada em sua época, mas amava e ama profundamente a criança ferida que silencia e paradoxalmente grita suas dores em cada adulto que compõe nosso mundo. Cada criança é um botão de rosa com potencial à abertura em sua beleza, caso o solo, o cuidado, possa facilitar o seu desabrochar. Para a espiritualidade cristã, abrigamos no mais íntimo de nosso íntimo a centelha do sagrado, nosso verdadeiro si-mesmo divino, porém ele somente poderá se manifestar, Deus somente poderá ser Deus em nós, se nosso solo psicossomático e social estiver em boas condições de acolhê-lo.

No prefácio de meu livro *Os obstáculos ao amor e à fé: amadurecimento humano e espiritualidade cristã*, o teólogo João Batista Libanio marca com lucidez:

Antes que a teologia se debruce sobre a complexidade do ato da fé, ao vasculhar o movimento do Espírito, a psicologia traz excelente contribuição: estuda as condições humanas que fa-

20. Id. *Tudo começa em casa*. 1989. p. 19. [1967.]

21. Ibid.

22. WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1989. p. 173. [1963.]

vorecem ou impedem o desabrochar da fé. Nisso ela responde à profunda intuição de São Tomás, ao ensinar-nos que a graça supõe a natureza, completa-a, aperfeiçoa-a.

A parábola do semeador é pertinente nesse contexto: a semente é a Palavra de Deus, mas o solo – o amadurecimento pessoal e social – precisa estar em boas condições para que a semente germine e dê bons frutos.

### *O amadurecimento humano de Jesus Cristo ao fim da vida*

Uma das “tarefas” mais difíceis para Jesus foi, provavelmente, se identificar com as agonias, com o sofrimento dos doutores da lei, dos fariseus, dos sumos sacerdotes. E ele somente pôde se identificar com eles após um longo processo de amadurecimento humano e de aberturas à vontade do Pai e ação do Espírito Santo. Ele pôde fazer essa identificação porque foi muito amado por Maria e José. Maria se portou como mãe devotada. Mãe devotada, no amadurecimento humano, é aquela que cuida a partir das necessidades do bebê e não a partir de suas necessidades. Jesus precisou lidar, antes da cruz, com essas pessoas de forma defensiva. Sua perspicácia o conduzia à consciência de que alguns deles poderiam matá-lo. Ele foi, aos poucos, percebendo a falta de integração deles. Entretanto, além de captar suas incoerências, ele sofria com suas atitudes inconseqüentes e nos ensinava a amá-los. Contudo, em certas passagens dos Evangelhos, notamos Jesus ainda não inteiramente consciente da complexidade da natureza humana. Ele sentia que eram durros de coração, opressores, sepulcros caiados, pessoas afastadas de Deus, pecadoras. Apenas constatava tais características psicológicas, porém sua consciência e liberdade ainda não eram totais. Somente na cruz ele pôde experimentar que essas pessoas eram realmente doentes e não conscientes das raízes de suas dificuldades emocionais, do que faziam...

Jesus foi alvo deles porque, como homem, como criatura e ao mesmo tempo Deus (Criador), ameaçava-os terrivelmente, era o oposto de suas autossuficiências.

Ao ser crucificado, junto a e no meio de dois ladrões, e frente a frente com a morte, Jesus vive na pele a sua fala de que veio para todos os excluídos e doentes e integra, talvez, a mais difícil e apaixonante realidade: a de que veio ao mundo amar e salvar também aqueles que excluíam os excluídos. Consta que excluem os excluídos, paradoxo, porque foram também excluídos de cuidados básicos e precisam do amor (perdão) dele. Eles foram e eram “crianças” malcuidadas, pouco amadas, escravas de valores sociais distorcidos, e precisavam da misericórdia, da compaixão dele. Nesse momento Jesus inclui esse grupo de excluídos-excludentes, salva toda a humanidade e atinge a integração completa, total, como ser humano. E entrega sua vida a todos. Ele passa a experimentar a maldade do ser humano não apenas como pecado ou hipocrisia, *mas como consequência dos condicionamentos históricos pessoais e sociais*. Ele, nesse momento, pode morrer porque viveu, experimentou e se identificou com todos os tipos de sofrimento humano, e de “tão humano assim só podia ser Deus” (Leonardo Boff).

Jesus termina de revelar o amor infinito do Pai à humanidade ao acolher e se identificar com o sofrimento do carrasco, do corrupto, do hipócrita, do pusilânime, dos sem ética, dos autossuficientes. Ao amar incondicionalmente a todos, ele cumpre sua missão de amor à humanidade, ao Pai, movido pelo Espírito Santo de Deus.

Jesus, antes dessa elaboração crucial, não havia abarcado totalmente em sua pele e em seu coração humano o sofrimento camuflado e escondido a sete chaves daqueles que torturam, daqueles que traem, os outros Judas da vida... Essa visão, de que Jesus como ser humano esteve em processo de amadurecimento até o fim, nos permite conjecturar que todos somos sofrendores em maior ou menor grau. Amplia-se o leque da Teologia da Libertação. Quem são os excluídos? Quem foi em maior ou menor grau malcuidado e apresenta a vida em maior risco de se extinguir.

No tocante a Jesus, Padre João Batista Libanio teceu comentário pessoal sobre essa parte do texto:

Os teólogos e exegetas explicam como os comportamentos e ditos de Jesus relatados nos Evangelhos refletem não literalmente o que ele diz e fez, mas como a comunidade o interpretou. No entanto, as comunidades apoiaram-se na verdade de Jesus. Aparece nos Evangelhos como Jesus mudou de posição, reagiu diferentemente conforme as situações. Assim, num primeiro momento, não acolheu o pedido da mulher siro-fenícia, mas, em face de sua fé, terminou fazendo o milagre. Nas críticas aos fariseus, sacerdotes, levitas e anciãos, os textos de Mateus refletem provavelmente mais os problemas da comunidade do que a própria atitude de Jesus. No entanto, certamente criticou certos comportamentos deles. No momento da cruz, porém, manifestou imensa misericórdia para com todos, pedindo ao Pai perdão por e para eles. A explicação última dessas mudanças de Jesus se encontra na compreensão que ele tinha da Vontade de seu Pai e a descobria em confronto com a realidade. Psicologicamente, poderíamos interpretá-la como um crescimento humano de Jesus em que a realidade e seu projeto salvífico se integraram melhor na sua pessoa.

### ***Como a Igreja e nós, cristãos, podemos ajudar a ampliar os horizontes de atuação social pautados pela fé e pela ética do cuidado***

- Amar qualquer ser humano. Nós podemos não concordar com alguns atos, mas percebê-los como estão condicionados, não somente ao macrosistema vigente, mas à história singular.
- Para amar ao próximo como a si mesmo e amar a Deus acima de todas as coisas é necessário aprofundar o amadurecimento humano, a espiritualidade cristã e os aspectos macrosociais em seus vários campos.
- Redimensionar a importância do cuidado a cada ser humano que vem ao mundo como tarefa nuclear da sociedade e da Igreja de qualquer lugar e de todas as épocas. Nenhum avanço tecnológico ou poder econômico substitui a ética do cuidado e a formação humana e espiritual das pessoas. Não negligenciar o amadurecimento humano, porque, se não conhecemos em profundidade

a natureza humana, a psicologia humana, corremos o risco de julgar e amar menos, e assim não amar a Deus, através do amor humano.

***Esse olhar e essa análise são fundamentais, pois sinalizam***

- 1) Como seguir a e se identificar com Jesus.
- 2) Quais são os desafios que temos de enfrentar e assumir nas relações humanas e sociais.
- 3) Os problemas mundiais de ordem social, econômica e política, a falta de amor e fé em Deus não são desvinculados das graves falhas no amadurecimento humano individual. Esse amadurecimento precisa ser estudado por todos e a partir dele devemos traçar novas formas de acolher cada casal, cada criança que vem ao mundo, e auxiliar as mães, os pais, os professores, as pessoas que trabalham em creches, os profissionais da área da saúde, os(as) religiosos(as), as pessoas que elaboram políticas de saúde para a máxima atenção ao processo de amadurecimento de cada criança que vem ao mundo até sua chegada à idade adulta.
- 4) É pouco provável que quem foi pouco cuidado possa alcançar ética, fé, amor, compaixão pelas pessoas, e pela nossa irmã natureza, somente por mudanças macrossociais.
- 5) O papel da prevenção de distúrbios psíquicos se torna tão importante quanto combater a fome no mundo, as guerras, a conscientização política das pessoas e os trabalhos que visam a mudanças sociais e econômicas.
- 6) Não adianta apenas acusar e prender o político desonesto ou o assassino. O outro lado da balança é prevenir desde a concepção e os primeiros anos de vida, através do auxílio psicológico aos pais e oferecimento de subsídios do amadurecimento humano e formação espiritual às pessoas, para a construção do ser humano ético, mais bem preparado emocional e espiritualmente, a fim de reconstruir as relações humanas e com Deus.

- 7) As instituições governamentais e não governamentais, as Igrejas, as escolas, as famílias precisam conhecer a Teoria do Amadurecimento Humano para aplicá-la no dia a dia.
- 8) Os governos, as instituições, as Igrejas deveriam reservar parte do seu tempo ao auxílio às mães e famílias, quanto ao desenvolvimento emocional de seus filhos.
- 10) O planejamento familiar, associado ao maior conhecimento das patologias orgânicas, conhecimento genético, geração de empregos, justiça social, diplomacia entre países, ética na política, zelo ecológico e lutas contra a discriminação de minorias ganharão enorme força e concretizações após décadas de investimentos no cuidado a cada ser humano que vem ao mundo. Esse ser apresenta uma tendência à vida, à integração, à ética, ao amor, ao amadurecimento humano, caso seja cuidado desde o útero, mas principal e decisivamente caso tenha recebido cuidados suficientemente bons dos familiares e da sociedade até o final de sua adolescência. Pois os adultos “sadios” são os responsáveis pela construção de um mundo onde haja paz, amor, ética: construção do Reino de Deus.

***Referências bibliográficas***

- DEL-FRARO FILHO, José. *Os obstáculos ao amor e à fé; o amadurecimento humano e a espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulus, 2008.
- DEL-FRARO, Patrícia F. *Os estágios iniciais na teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DIAS, Elsa O. *A teoria do amadurecimento humano de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI (original: 1927).
- \_\_\_\_\_. Moisés e o monoteísmo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXIII (original: 1939).

**Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Como relacionar a maturidade humana e a maturidade na fé?
2. Em nosso processo formativo, que importância damos a nossa história de vida como base para o crescimento na fé?
3. A experiência religiosa é um elemento enriquecedor da dimensão humana. Como vivenciamos essa relação?
4. Muitos de nós fomos formados numa catequese que admitia que Jesus, desde menininho, *já sabia tudo*. Os Evangelhos não o apresentam assim, pois Jesus, algumas vezes, depois de afirmar algo, voltou atrás, mudou de atitude (caso da mulher cananeia). Somos capazes de abrir mão de nossos *pré-conceitos* em defesa do bem?
5. Em nossa missão, que importância damos à observação da ética do cuidado?

**Irmã Ana Roy:  
semente germinando no coração da  
Vida Religiosa Consagrada**

MARIA ZENÍ DO NASCIMENTO, ICM\*

Ser convidada para escrever sobre o testemunho de vida de Irmã Ana Roy é uma graça e, ao mesmo tempo, uma ousadia. Conheci essa extraordinária mulher em espaços privilegiados: encontros, retiros, capítulo geral e estudos promovidos pela Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, quando, por diversas vezes, atuou como assessora, e na Conferência dos Religiosos do Brasil, mais precisamente no Centro de Estudos Teológicos e Espiritualidade para a Vida Religiosa Consagrada – Cetesp, onde Irmã Ana contribuiu no aprofundamento do tema “Espiritualidade bíblica”, em mais da metade das quarenta e nove turmas.

**Presença na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria**

Para nós, Irmãs ICM, continuadoras do projeto de Vida Religiosa Consagrada de Bárbara Maix, Irmã Ana foi uma bênção. Estudando nossos documentos, principalmente os escritos de Bárbara Maix, cooperou eficazmente na clarificação da espiritualidade, do carisma e da missão. Com aquela simplicidade, precisão e profundidade peculiares nos ajudou a adentrar em nossa raiz original, à luz da comunidade fundante, e a catalogar, na história que a sucedeu, sinais de fidelidade, como também desvios da rota por ela proposta.

Entre as diversas assessorias que nos concedeu, quero destacar as que mais marcaram nossa vida e missão. Um dos momentos provocadores de novo ardor missionário foi, com

\* **Irmã Maria Zení do Nascimento** é religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Foi professora, formadora de aspirantes, postulantes, noviças e junioristas da Província Divino Espírito Santo, em Santa Maria-RS. Coordenou o Cetesp de 1997 a 1999, no Rio de Janeiro; integrou o Conselho Provincial por seis anos. Assumiu a diaconia de coordenadora provincial na respectiva Província de 2000 a 2002 e de diretora geral da Congregação no período 2003-2008. **Endereço da autora:** Comunidade Nossa Senhora das Dores, Avenida Nossa Senhora das Dores, 143/02, CEP 97050-531, Santa Maria-RS. E-mail: mzn.nascimento@hotmail.com.



certeza, sua presença no XV Capítulo Geral da Congregação, transcorrido de 11 a 22 de dezembro de 1990, em Viamão, Rio Grande do Sul.

Com atitude de quem primeiro escuta com ouvidos de discípula antes de anunciar, Irmã Ana iniciou o retiro às capitulares lançando um olhar para frente, na perspectiva do Reino de Deus, convidando a acolher com um coração de criança a Palavra de Jesus: “Todo escriba que se torna discípulo do Reino dos Céus é como um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas” (Mt 13,52). Lembrou que o retiro estava situado no capítulo geral e que este se constituía espaço privilegiado de triagem do tesouro congregacional, hora inadiável para discernir, como discípulas apaixonadas pelo Reino de Deus, os sinais presentes no meio do povo pobre.

A busca do Reino de Deus é prioridade em Jesus e fundamenta todo o sentido de sua vida. A Congregação nasceu para viver esta grande utopia que a fortalece na missão, reconduz à fonte e a faz renascer. A não abertura à novidade e aos sinais do Reino torna estéril, esclerosado o tesouro congregacional.

Centrada sempre no mesmo tema, Irmã Ana pontuou: Maria como mulher que acolhe o Reino, a Vida Religiosa Consagrada como apressadora dos sinais de manifestação do Reino de Deus e as bem-aventuranças como utopia do Reino.

Convidou todas para acolher a Boa-Nova do Reino, a exemplo de Maria, que não temeu arriscar para fazer emergir os sinais do Reino. Convidou as capitulares a assumir uma Vida Religiosa Consagrada do contexto atual sem os caminhos traçados de outrora, a ter coragem de andar por outros ainda não trilhados, a provocar mudanças e rupturas, a assumir o Reino de Deus junto aos desprezados e marginalizados. Lembrou que não há Reino de Deus sem sangue derramado. Comprometer-se com ele implica dispor-se ao martírio.

As prioridades assumidas no XV Capítulo Geral – formação, vida fraterna e missão – reforçaram a necessidade de maior aprofundamento sobre espiritualidade da Irmã do

Imaculado Coração de Maria e resgate do projeto de Vida Religiosa Consagrada legado por Bárbara Maix, fundadora da Congregação. Irmã Ana aceitou o desafio de prestar assessoria. As sessões de estudo deram-se, mais precisamente, em 1991 e 1993.

Visto que espiritualidade é essencialmente energia, força vital que nasce do Espírito e se traduz na qualidade da ação transformadora, os referidos estudos muito contribuíram para ampliar nossa compreensão, dando corpo a conceitos reconhecidos pela Igreja como patrimônio comum. A metodologia usada oportunizou iluminá-los com a Sagrada Escritura e aprofundar nossa experiência espiritual encarnada e profética como pedagogia que favorece o encontro com Deus e indica meio e caminhos para viver sob ação do Espírito no mundo em que estamos inseridas.

Com habilidade de artesã que facilita a aprendizagem e o envolvimento de discípulas sedentas, Irmã Ana fez uma releitura da experiência do povo de Israel em Gênesis 1-3 e da vida comunitária, conforme as primeiras comunidades cristãs em Atos dos Apóstolos 2,42-47. Culminou essa primeira etapa com o estudo da espiritualidade bíblica a partir da árvore dos sefirot, resgatando a participação do nosso corpo na vivência da mística do discipulado.

Outro momento deveras gratificante para nós, Irmãs do Imaculado Coração de Maria, foi o trabalho sobre o resgate do projeto de Vida Religiosa Consagrada de Bárbara Maix a partir da Constituição da Congregação em vigor e de seis cartas escritas pela fundadora. Qual vento suave, quase imperceptível, no entanto presente em todo espaço, nessa segunda etapa, nossa assessora soprou sobre brasas que arderam incandescentes.

Considerando que o projeto de Vida Religiosa Consagrada de Bárbara Maix se baseou na experiência das primeiras comunidades cristãs, Irmã Ana motivou as Irmãs a, juntas, pinçar os elementos significativos das tradições apocalípticas e dos Atos dos Apóstolos como caminho seguro para melhor compreendermos nossa espiritualidade.

Competência, profissionalismo e determinação de quem se debruça sobre o mistério que manteve vivo o desejo de Deus na construção de uma história de fidelidade, não obstante contrariedades e obstáculos de toda origem, Irmã Ana, juntamente com as Irmãs ICM, protagonizaram o desvendamento de mais uma dimensão do tesouro nascido do carisma de Bárbara Maix, portador de vida nova na Igreja e no mundo.

A atuação de Irmã Ana, neste momento histórico da Congregação, orientando para a pesquisa e análise dos elementos carismáticos geradores da espiritualidade da Irmã do Imaculado Coração de Maria, constitui-se, com certeza, um marco para descobertas e aprofundamentos posteriores.

### ***Presença no Cetesp***

Qual vertente de novos espaços de reflexão sobre a Vida Religiosa Consagrada, nossa assessora, sempre tão esperada, marcava presença no Cetesp para aprofundar um tema quicá abrangente – *espiritualidade bíblica*. Não raras vezes, cetepistas movimentavam as cadeiras para estar o mais próximo possível da Irmã Ana, a fim de não perder uma palavra sequer por ela proferida. Em cada turma, confessava, humildemente, não ter preparado material didático porque não se apropriara dessa habilidade. Contudo, sua originalidade na forma de expor e aprofundar o tema, sua forma de se relacionar com o grupo, responder às indagações, acolher complementações, supria qualquer material didático por mais atraente que pudesse ser. O sentimento que perpassava em nós, da coordenação do Cetesp, era de que, em cada assessoria, Irmã Ana falava em primeiro lugar para si mesmo, como que aprofundando as próprias raízes, desvelando seu desejo profundo de busca do essencial e identificação com os valores inerentes à Vida Religiosa Consagrada.

### ***Presença na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada***

Centrada em Deus Trindade, Irmã Ana desenvolveu, de forma extraordinária, a habilidade de dialogar, respeitosa-

mente, com diferentes culturas, classes sociais, concepções de mundo, espiritualidades, Igrejas.

Comprometida com a caminhada eclesial, contribuiu na formação de sacerdotes, bispos e Congregações religiosas em estudos específicos e retiros. Assessorou capítulos provinciais, gerais, assembleias de Congregações religiosas, CRB Regionais e Nacional, proferindo, em cada circunstância, uma palavra singular, fruto de sua convicção, oração e ação, mantendo aquele respeito que a caracterizava diante das diferentes posições, sem deixar de denunciar incoerências embutidas nas instituições. Insistia, apaixonadamente, em recuperar o que sempre foi o coração da Vida Religiosa Consagrada, o seguimento a Jesus pobre e itinerante à luz da fé e do compromisso com seu projeto: vida em abundância para todos(as) os(as) seus(suas) filhos(as). Qualquer exemplo ilustrativo, em suas sábias colocações, era sempre precedido de um momento de profundo silêncio, como que para fazer emergir aquele que melhor revelasse um testemunho de vida que despertasse o desejo de ser seguido.

O fato de se sentir tão querida, amada, valorizada e procurada no Brasil e em outros países não constituiu motivo para se envaidecer. Pelo contrário, colocava-se à disposição para partilhar sua experiência de vida sem chamar atenção sobre si, como permanente aprendiz que vislumbra um imenso caminho a percorrer.

Trabalhando com as Congregações religiosas, garimpava, na pluralidade de carismas, a fonte original de cada uma, convidando a beber do próprio poço como energia motivadora para manter-se fiel ao projeto de Vida Religiosa Consagrada que sustentou a vida e missão da comunidade fundante. Impactava por sua forma audaciosa ao desafiar a Vida Religiosa Consagrada a manter-se fiel à utopia que sustentou os diferentes carismas desde sua fase embrionária. Por isso que incitava à reflexão sobre consagração, espiritualidade, carisma e missão. Qual hábil “parteira” que contribui para o surgimento de uma nova vida, Irmã Ana fundamentou com credibilidade como mergulhar na graça carismática para tornar a Vida Reli-

giosa Consagrada mais comprometida com as raízes fundacionais do próprio carisma.

### ***Liberdade diante da releitura da Palavra de Deus e da Vida***

Dotada de admirável habilidade de praticar a leitura orante da história, contextualizando-a, iluminando-a com a Palavra de Deus, dispunha-se a andar com um pé no passado e outro no presente, a fim de orientar-se para o futuro. Seu coração se enchia de júbilo, seu rosto se iluminava, quando partilhava sua experiência de Deus a partir da Palavra. Nessa atitude de sentinela humilde, simples, alegre, serena, espontânea e, ao mesmo tempo, firme, audaciosa, provocadora de vida nova, mantinha uma postura de servidora, característica da Irmã da Congregação das Irmãs Auxiliares do Sacerdócio, à qual pertencia e à qual alimentava profundo sentido de pertença.

Mergulhava nos mistérios de Deus sem tirar os pés do chão. Centrada nessa atitude, foi capaz de contemplar elementos simbólicos do próprio corpo para costurar a história na dimensão do mistério, da fé e do compromisso com a vida em abundância. Segundo ela, não é possível falar em espiritualidade desligada da corporeidade. Dessa experiência nasce o livro *Tu me deste um corpo*, convocando à contemplação do mistério da pessoa humana.

Antes da referida publicação, outro livro brotou de suas entranhas, *Ser mulher*. Segundo a autora, Sara, Rebeca e Raquel ultrapassam o limite temporal, deixam de ser mulheres do passado e do mito e se aproximam de nós, de modo que possamos encontrá-las em nossa própria realidade de mulheres. Conhecendo obstáculos inerentes à vida humana, assumem a vida na certeza de que nenhuma limitação humana, quer física, quer psicológica, pode enfraquecer o desejo e o empenho de colocar-se por inteira a serviço do projeto de Deus. Contemplando essas mulheres bíblicas, Irmã Ana deixava claro que cabe a nós, hoje, remontar o rio até a nossa fonte, não somente para refle-

tir, mas para dessedentar nosso desejo de viver tecendo, na fidelidade ao Reinado de Deus, cada página de nossa existência.

Contamos com dezenas de escritos em prosa ou verso, publicados ou não, que refletem a interação harmoniosa de Ana Roy – mulher mística. Quem assim não a sentiu ao estar em sua presença, ao ouvi-la ou mesmo ao ler seus registros, segundo ela brotados das entranhas e germinados no passo a passo do dia a dia? Ao falar, ao rezar, seu coração se comprazia no mistério trinitário. Seu corpo todo participava da experiência como que vivenciando, gota por gota, cada momento. Era notável a expressão facial retratando o que se passava no coração, a voz mais pausada, a coerência dos gestos. Uma pessoa afável ao extremo, marcada pela discrição, alegria e simplicidade, contagiava por suas ousadias fecundas, fruto da relação com o Bem-Amado e suas criaturas.

### ***Presença missionária***

Sua opção missionária junto aos empobrecidos por si só era interpelativa e se constituía em anúncio e denúncia, sobretudo para nós, Vida Religiosa Consagrada. Atenta à realidade existencial, construiu relações sororais de solidariedade, abrindo-se para a inclusão. Toda a sua pessoa refletia uma profunda identificação com os empobrecidos, aos quais muito amava. Sua compaixão a conduzia a atos extremos, como o de recolher pequenas porções de alimentos em suas viagens aéreas para repartir com eles em sua chegada. Sou testemunha auricular, e não somente eu, dessa postura humanitária de Irmã Ana. Sua maneira de vestir, de falar, de se apresentar, seus pertences, tudo refletia sua opção de viver pobre como Jesus.

Incapaz de copiar o que outras pessoas haviam escrito e até mesmo repetir o que ela mesma já dissera, Irmã Ana apresentava certa dificuldade para falar com fluidez a língua portuguesa. O acentuado sotaque francês, misturado com os de nosso idioma, foi causa de gostosas gargalhadas entre as pessoas que a conheciam. Esses momentos de descontra-

ção se misturavam aos sentimentos de admiração, respeito e confirmação. Diante desse quadro, surpreendia-nos entrando no mesmo clima, na certeza de ter sido compreendida, não obstante ter pronunciado palavras não contidas no vocabulário oficial. Tal dificuldade, da qual sempre esteve ciente, jamais a impediu de partilhar sua experiência, sua maneira de ver, ler e reler facetas da vida, onde quer que estivesse, especialmente nos espaços da Vida Religiosa Consagrada, à qual mais se dedicou.

### *Presença de simplicidade*

Desprendida de todo supérfluo, Irmã Ana primava pela pobreza, simplicidade e sobriedade. Quem não observou seus apontamentos? Todos os seus manuscritos eram feitos em papel rascunho que lhe ofereciam, evitando qualquer desperdício.

Não raras vezes nos surpreendia quando a recebíamos nos aeroportos com apenas uma bolsinha de pano contendo tudo o de que necessitava. Destacava-se das demais mulheres que circulavam no mesmo espaço, portando as conhecidas saias e blusas de algodão, tendo aos pés sandálias muito simples ou chinelinhos de dedo que lhe possibilitavam um andar cadenciado de quem sabe de onde veio e para onde vai. De longe a reconhecíamos vindo ao nosso encontro com aquele garbo característico. No rosto, um sorriso aberto, acolhedor, encobrendo e ao mesmo tempo revelando um quê de mulher realizada, feliz e desejosa de atingir a plenitude.

Numa ocasião, ao encerrar sua semana de trabalho numa turma de cetepistas, esta a brindou com uma maleta. Irmã Ana puxou-a ruidosamente pela sala, ao som de palmas e ovações da turma. A princípio, entendeu tratar-se de uma brincadeira e entrou na cadência. Ao perceber que era um presente do grupo, agradeceu, emocionada, prometendo usar, pois, segundo ela, já ensaiara com plateia e fora aprovada por unanimidade. Nos semestres seguintes, chegou empunhando seu precioso presente, como dizia, não dispensando, contudo, a costumeira bolsinha de pano com material didático.

### *Últimas assessorias junto às Irmãs ICM*

Não poderia omitir o que vivenciamos no último retiro que Irmã Ana orientou na Congregação que tanto amou: Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Embora com a saúde visivelmente fragilizada, aceitara o convite das Irmãs Jubilares de 25 e 50 anos de consagração religiosa. O referido evento aconteceu na Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes, em Vale Vêneto, Rio Grande do Sul, de 22 a 27 de maio de 2005, e teve como tema “As bem-aventuranças”.

Jamais me esquecerei dessa mulher sábia e serena permanentemente conectada à força vital que lhe dava sustentabilidade – a Santíssima Trindade. Irmã Ana tossia muito. Suas colocações foram entrecortadas por esse terrível desconforto. Sentada, tendo diante de si uma garrafa térmica com chá quente, intercalava sua reflexão com alguns goles cada vez que a crise tornava a se repetir. As Irmãs, atentas a cada gesto, sorviam cada palavra, dom da própria vida feita doação até o extremo. Nos intervalos, permanecia grande parte do tempo em oração, ao sol, no pátio contíguo à capela, pois a temperatura era extremamente baixa naquele período.

Por diversas vezes propusemos que interrompesse o retiro e retornasse para sua comunidade, em Salvador, Bahia. Com aquele sorriso que nos era tão familiar, misto de alegria de quem está de bem consigo mesma, contrastando com a dor e o desconforto provocados pelo câncer que a acometia, afirmava ter as condições necessárias para levar a bom termo o compromisso assumido com as seguidoras do projeto de Vida Religiosa legado por Bárbara Maix. E, de fato, tingindo a experiência ora com cores vivas, ora opacas, não somente conferiu ainda maior consistência e intensidade à fascinante externalização de sua existência harmoniosa como nos provocou a responder com coragem aos imprevistos que a vida nos apresenta.

Iniciou o retiro convidando a fazer dele um hino de gratidão, um festival de alegria, sobretudo interior, pela vida

oferecida e pela vida recebida. Acolher as bem-aventuranças como dinamismo vital que nos move na direção de Deus, como força contestatória que só pode ser compreendida e acolhida na fé. Bem-aventurada, dizia, é a pessoa que se aproxima de Deus na gratuidade. Ser bem-aventurada é o mesmo que ser abençoada por Deus, porque fez da própria vida uma bênção. Lembrou que jubileu é tempo de colheita, tempo para mergulhar em Deus. Quem celebra 25 e, sobretudo, 50 anos de Vida Religiosa Consagrada deixou para trás o tempo de discursos. Agora só há espaço para o encantamento. Irmã Ana culminou o tempo do retiro com a contemplação do *Magnificat* com Maria, convidando as jubilares a ajustar-se ao Plano de Deus conforme as bem-aventuranças.

No dia 26 de maio, celebrava-se a Festa do Corpo de Deus. Preparando-se para participar da celebração eucarística e procissão na Igreja Matriz, com o povo de Vale Vêneto, Irmã Ana fez uma reflexão alusiva à Festa. Entre meus apontamentos, destaco algumas de suas colocações.

A Festa do Corpo de Deus é a festa da humanidade de Deus, da corporeidade de Deus. Um Deus criador que assume por um tempo um corpo com necessidades idênticas às nossas. Antes de celebrar a Eucaristia, precisamos parar diante de Deus humano que passou pelas condições humanas pelas quais passamos, inclusive a morte. Parar para contemplar o mistério do Deus homem presente, sensível, amigo, que amou, chorou, cansou, sofreu, que se deu em alimento.

Releu a palavra e gestos de Jesus em Lucas 22,7-23, iniciando com a mesma pergunta: “Onde queres que a preparemos [a Páscoa]?” (Lc 22,9). Jesus respondeu: “Vão para a rua e lá verão um homem carregando um jarro com água. Ele virá ao encontro de vocês” (cf. Lc 22,10). E nossa Irmã continuou: “É impossível celebrar a Eucaristia sem ir para a rua, sem que os pobres estejam integrados em nossa vida. Não se pode comungar se os pobres não estão presentes em nossa vida. Em geral, fazemos exame de consciência para ver se podemos comungar e deixamos fora o essencial”.

Jesus continuou: “Sigam esse homem” (cf. Lc 22,10). “Para celebrar a Eucaristia, precisamos seguir os pobres. A

opção pelos pobres se viabiliza na compaixão, na luta contra a pobreza degradante que desfigura o corpo de Deus em nossas irmãs, em nossos irmãos.” “Lá encontrareis uma sala grande” (cf. Lc 22,12). “A sala da Eucaristia é grande porque precisa abrigar os pobres. E eles são muitos.”

“Quando chegou a hora, Jesus pôs-se à mesa com os apóstolos” (Lc 22,14). Aquele que é Mestre se torna servo, conforme narra São João. Maria e outras mulheres, com certeza, estavam presentes, pois Jesus seria incapaz de deixar sua mãe e as mulheres que o seguiam à soleira da porta da casa. Desejando ardentemente realizar essa ceia com as pessoas convidadas, Jesus tomou o pão, agradeceu a Deus, partiu e deu a eles dizendo: “Fazei isto em memória de mim” (cf. Lc, 22,15-19).

Irmã Ana prosseguiu dizendo que o pão é o alimento mais universal e representa o trabalho, a luta, a resistência no resgate da dignidade humana. O pão é sinal de comunhão. Todavia, também é elemento que divide o mundo entre os que passam fome e os que têm de sobra. A vocação do pão é a de ser partilhado, pois essa foi a atitude de Jesus. Ele partiu e distribuiu para todos, até a saciedade, sem exceção. O corpo de Jesus é eucarístico porque é espaço para gerar vida nova. No seguimento do pobre, sempre encontraremos o lugar para celebrar.

O mundo interior das pessoas comprometidas com a manifestação do Reino de Deus não teme quaisquer obstáculos porque é dotado de uma força inexplicável. Sim, concluído o retiro com aquela lucidez e competência que a distinguiam, Irmã Ana permaneceu em Vale Vêneto a pedido do conselho provincial. Nos dias 29 e 30 de maio, dedicou-se às *coordenadoras das comunidades, animadoras vocacionais, diretoras de escolas, hospitais e obras sociais* da Província de Santa Maria, num total de cinquenta Irmãs, com as quais refletiu sobre: *sociedade com suas propostas; sonho de Deus para a humanidade; relações na Vida Religiosa com a sociedade e respostas que a Vida Religiosa Consagrada pode oferecer para a sociedade; significado para a sociedade; profetismo religioso e contribuição da religiosa do Imaculado Coração de Maria para o*

*mundo*. Com essas assessorias, Irmã Ana concluiu sua missão entre nós, Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

### **Presença acolhedora**

De uma beleza e simpatia atípicas, onde quer que se encontrasse Irmã Ana era cercada por admiradores e admiradoras, a quem acolhia com aquele olhar penetrante e sorriso peculiar, expressão do seu prazer de viver. Qual preciosidade em vaso de barro, esbanjava encanto, ternura, gratidão pelos dons recebidos e colocados a serviço da manifestação do Reinado de Deus.

De nascimento, francesa; de coração, brasileira, como afirmava. Dotada de personalidade consistente, viveu isenta de títulos, formalismos, sentindo-se livre para ir a e vir de todos os espaços, incluindo o mundo dos conceitos sobre questões polêmicas da Vida Religiosa Consagrada e da Igreja institucional.

### **Concluindo sem concluir**

Como mencionei no início, escrever sobre Irmã Ana é, ao mesmo tempo, uma graça, uma ousadia, um desafio. Ela mesma diz, num artigo que intitulou “Povo sacerdotal”, referindo-se à identidade sacerdotal de Jesus, que

a identidade de uma pessoa não se define por um documento nem se reduz a um registro. Identidade exige tempo e experiência para aparecer. Identidade é aprendizagem, abertura, disponibilidade, conquista que pouco a pouco delineia uma personalidade inédita dentro e a serviço da humanidade.

Ao concluir, percebo que, mesmo desejando partilhar muito, foi tão pouco diante do que vi, ouvi e senti durante o breve período de convivência com Irmã Ana Roy. Sua passagem deixou rastros, sinais de vitalidade resultantes de uma história vivida com muito amor. Amor e ação vinculados entre si e expressados no cotidiano da sua vida, nas

relações, nas escolhas feitas, na ousadia de lançar-se qual trapezista na entrega confiante a uma Pessoa, Jesus Cristo, e seu projeto.

Irmã Ana Roy querida, li em algum lugar uma frase de Lilian Tonet que diz assim: “As pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem”. A senhora permanece porque experimentou uma das forças mais poderosas que o Espírito Santo provoca no ser humano: o amor. De sua atitude dedicada e afetuosa, brotou um calor humano que fez bem a quem da senhora se aproximou. Misericordiosa ao extremo diante da dor de outrem e incapaz de julgamentos, sua presença foi e continua sendo uma bênção de Deus para nós. Obrigada por seu testemunho a nós, Vida Religiosa Consagrada, a quem tanto amou. Por diversas vezes nós a ouvimos dizer que sempre experimentou a mão de Deus conduzindo sua vida, sua história. Hoje, presenteada com o selo da vida eterna no regaço da Trindade, pode ouvir sem cessar: “Vem, Ana, minha filha amada, eis que faço novas todas as coisas”.

### **Bibliografia**

- ROY, Ana. Contribuição da Vida Religiosa na construção de outro mundo possível. Conferência no V Fórum Social Mundial. Porto Alegre, 29 jan. 2005.
- \_\_\_\_\_. Curso ministrado às Irmãs do Imaculado Coração de Maria, 1991. Subsídio sobre espiritualidade sem revisão da assessora.
- \_\_\_\_\_. Curso ministrado às Irmãs do Imaculado Coração de Maria, 1993. Subsídio sobre espiritualidade sem revisão da assessora.
- \_\_\_\_\_. *Povo sacerdotal*. Disponível em: <[http://aux12.free.fr/revue\\_br\\_2007/rev\\_br\\_07\\_roy.pdf](http://aux12.free.fr/revue_br_2007/rev_br_07_roy.pdf)>.
- \_\_\_\_\_. *Ser Mulher*. São Paulo: CRB/Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Tu me deste um corpo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- \_\_\_\_\_. Retiros para capitulares (1990) e jubileus (2005) da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Aparentamentos sem revisão da assessora.
- XV CAPÍTULO GERAL da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Documento capitular.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Não há duas vidas iguais, certamente. Contemplando o modo de viver de Irmã Ana Roy, no espaço-tempo tão breve, podemos nos perguntar: Que relação tem sua vida com minha experiência de fé? Seu testemunho de vida tem força apelativa e convocatória em minha vida, em nossa Instituição religiosa? Onde, como e para quem invisto meu tempo, saúde, energia, conhecimento, dons? E a Instituição a que pertencço?
2. Que aspectos da espiritualidade de Ana Roy nos atraem e provocam nosso processo formativo? Refletir em comunidade sobre o que consideramos imperativo vivenciar com maior intensidade em nossa espiritualidade, em fidelidade ao carisma e à missão da Congregação a que pertencemos.
3. Irmã Ana se fortaleceu na contemplação da Palavra de Deus e da vida. Há mais de três décadas, a Conferência dos Religiosos do Brasil vem motivando e oferecendo subsídios para favorecer a prática da leitura orante da Palavra de Deus e da vida. Que sinais de vitalidade brotaram e se intensificaram em nossa Instituição religiosa a partir dessa prática? Quais as possíveis causas que ainda dificultam maior adesão à referida proposta?
4. Contemplando a presença de Irmã Ana Roy na Vida Religiosa Consagrada, que traços de sua missionariedade iluminam nossa vida e missão como grupo da CRB inserido no mundo de hoje? Que frutos têm produzido o anúncio e a profecia da Vida Religiosa Consagrada?